



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**MOTIVAÇÃO E DESAFIOS DO DOCENTE NA EDUCAÇÃO DE**  
**JOVENS E ADULTOS (EJA)**

**DAYANE FERREIRA DE OLIVEIRA**  
**VANESSA LUIZA QUEIROGA DO NASCIMENTO**

**JOÃO PESSOA – PB**  
**DEZEMBRO – 2015**

**DAYANE FERREIRA DE OLIVEIRA  
VANESSA LUIZA QUEIROGA DO NASCIMENTO**

**MOTIVAÇÃO E DASAFIOS DO DOCENTE NA EDUCAÇÃO DE  
JOVENS E ADULTOS (EJA)**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Pedagogia  
da Universidade Federal da  
Paraíba, em cumprimento às  
exigências para a obtenção do grau  
de Licenciados em Pedagogia.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>Dr<sup>ª</sup> Maria Alves  
de Azerêdo

**JOÃO PESSOA – PB**

**DEZEMBRO – 2015**

O48m Oliveira, Dayane Ferreira de.

Motivação e desafios do docente na educação de jovens e adultos (EJA) / Dayane Ferreira de Oliveira, Vanessa Luiza Queiroga do Nascimento. – João Pessoa: UFPB, 2015.

67f. : il.

Orientadora: Maria Alves de Azerêdo

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em Pedagogia) –  
Universidade Federal da Paraíba/Centro de Educação

1. Docente. 2. Educação de jovens e adultos. 3. Motivação.

I. Nascimento, Vanessa Luiza Queiroga do. II. Título.

UFPB/CE/BS

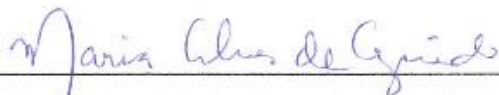
CDU: 37-051(043.2)

**DAYANE FERREIRA DE OLIVEIRA**  
**VANESSA LUIZA QUEIROGA DO NASCIMENTO**

**MOTIVAÇÃO E DASAFIOS DO DOCENTE NA EDUCAÇÃO DE**  
**JOVENS E ADULTOS (EJA)**

Aprovado em: 16/12/2015

Banca Examinadora



---

Profa. Dra. Maria Alves de Azerêdo (DME)  
Orientadora/Examinadora



---

Profº. Drº. Fábio do Nascimento Fonseca (DHP)  
Examinador

---

Profº. Ms. Luciano Souza (DME)  
Examinador

**JOÃO PESSOA – PB**  
**DEZEMBRO – 2015**

Aos meus pais, Einar Soares e Maria José (in memoriam) que, embora não tenham alcançado o nível superior, sonharam e batalharam para que eu e meus irmãos atingíssemos essa conquista. A vocês meus amores eternos, eu Dedico!  
(Vanessa)

Dedico esse trabalho primeiramente a Deus, aos meus familiares, aos meus professores do curso de Pedagogia e a todos que valorizam a educação.  
(Dayane)

## **AGRADECIMENTOS**

### **MUITO OBRIGADA**

A Deus, pela vida e por ter proporcionado-me saúde e força para superar as dificuldades.

A minha princesinha, Maria Luiza Queiroga, pelas minhas ausências em momentos que me solicitou atenção e paciência.

Ao meu esposo, Diego Queiroga, com o qual fui ausente durante a conclusão do trabalho e que inúmeras vezes fez o nosso papel de pais individualmente, sempre entendendo ser possuidor das mesmas obrigações nos cuidados e zelo para com a nossa filha. E que de fato somos! Oportunizando-me a vivenciar atividades acadêmicas sem preocupações ou culpas. A você todo o meu amor, respeito e agradecimento.

Ao meu irmão Marcos Einar Soares, que me fez sempre entender que o futuro é feito a partir da constante dedicação ao presente e aos estudos.

A meu sobrinho-filho Marcelo Herculano, que inúmeras vezes foi meu esteio, junto a minha filha.

A Universidade Federal Da Paraíba, seus departamentos, coordenação, direção e administração que oportunizaram a janela que hoje vislumbro um horizonte superior, contagiada pela pura confiança no mérito e ética aqui presentes.

À Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Maria Alves de Azerêdo, pela orientação, apoio e confiança e por ter sido minha Luz nos mais decisivos momentos da caminhada acadêmica. A você todo o meu carinho, admiração e respeito.

A todos os docentes, por proporcionarem-me o conhecimento não apenas racional, mas a manifestação do caráter e afetividade da educação no processo de formação profissional, por toda dedicação, não só como graduanda, bem como cientista da educação, que tenho convicção que hoje sou. A palavra mestre, nunca fará justiça aos docentes aqui dedicados, aos quais sem nominar terão o meu eterno respeito e agradecimento.

Aos amigos e colegas que fizeram parte da minha formação, como Clara Cavalcante (amigona), que vai continuar presente em minha vida.

Vanessa Luiza!

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus por me dar a vida, inteligência e sabedoria em todos os momentos de minha vida, quem sempre me deu forças para seguir em frente, a quem devo tudo o que tenho e o que sou.

Aos meus pais, que são meu alicerce na vida e sempre me instruíram para ser o que hoje eu sou, pessoas maravilhosas que Deus me deu a honra de ter como meus pais.

A minha família que tenho hoje, meu esposo e meu filho, que foram meus maiores incentivadores nessa caminhada.

A minha orientadora Dr<sup>a</sup> Maria Alves Azerêdo pela dedicação, atenção e compreensão durante a construção desse trabalho.

A Universidade Federal da Paraíba, juntamente com seu corpo docente, direção e funcionários, que foram essenciais durante o período da minha formação, onde eu tive o privilégio de observar o mundo através de um novo olhar.

A todos os professores que contribuíram da melhor forma na construção do meu conhecimento, me proporcionando vivências inesquecíveis.

Aos meus colegas de turma, meus eternos companheiros, pessoas que levarei eternamente guardados em meu coração, que me acompanharam nessa jornada.

A todos muito obrigada.

Dayane!

“Eu sou um intelectual que não tem medo de ser amoroso. Amo as gentes e amo o mundo. E é porque amo as pessoas e amo o mundo que eu brigo para que a justiça social se implante antes da caridade”.

Paulo Freire

## RESUMO

O presente trabalho propõe-se a identificar as motivações e os desafios dos docentes atuantes na Educação de Jovens e Adultos nos municípios de João Pessoa e Cabedelo. Objetivando compreender quais os motivos que os conduziram a atuarem nessa modalidade de ensino e os desafios enfrentados cotidianamente. As reflexões são compreendidas e teorizadas a partir dos estudos de Azzi (1994) Barcelos (2009), Cury (2000), Freire (1992, 2006, 2011, 2013), Gadotti (1995, 2011), Libâneo (1998), Oliveira (2012), Pimenta (2012), Rios (1995), Rummert (2006), Rybczynski (2014), Saldanha (2009), Schawartz (2012). Em nossa metodologia optamos por fazer a pesquisa com dez professores, atuantes na EJA, sendo que dois deles foram também sujeitos da observação - sala um e sala dois. Os instrumentos utilizados foram o questionário e a observação que se inseriu no estágio na modalidade de ensino EJA. Alguns resultados apontaram motivações que vão desde âmbito pessoal aos ocasionados pela gestão escolar. Quanto aos desafios, são inúmeros, sendo mais evidente a evasão e a falta de atenção governamental para com a EJA. Concluímos afirmando que enquanto não tivermos no Brasil, políticas públicas que valorizem integralmente a Educação de Jovens e Adultos, proporcionando motivações mais positivas que negativas e desafios mais estimuladores, pedagogicamente falando, correremos o risco de nos depararmos cotidianamente com perfis de docentes, semelhantes aos relatados nesse estudo. Precisamos de medidas públicas que viabilizem melhores condições no exercício da docência.

Palavras Chave: Motivações. Desafios. EJA.

## ABSTRACT

This study aims to identify the motivations and challenges of active teachers in the Youth and Adult Education in João Pessoa and Cabedelo. Aiming to understand the motives that led them to act in this type of education and the challenges faced daily. The reflections are understood and theorized from studies of Azzi(1994)Barcelos(2009),Cury(2000),Freire(1992,2006,2011,2013),Gadotti(1995,2011),Libâneo(1998),Oliveira(2012),Pepper(2012),Rivers(1995),Rummert(2006),Rybczynski (2014),Saldanha(2009),Schwartz(2012). In our methodology we decided to do research with ten teachers working in adult education, where two of them were personally observed. Which will be identified, according to the rooms that act, which call room one and two room. The instruments used were the questionnaire and the observation that entered on stage in adult education teaching mode. Some results showed motivations ranging from the personal level caused by the school management. The challenges are numerous, being more evident evasion and lack of government attention to the EJA. Getting to this conclusion, while we do not have in Brazil, public policies that fully value the Youth and Adult Education, providing more positive than negative motivations and more stimulating challenges pedagogically speaking. We risk we encounter every day with teachers profiles, similar to those reported in this study. We need public measures that enable better conditions in the teaching profession.

.

Keywords: Motivations. Challenges. EJA.

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Atividade descontextualizada.....	54
FIGURA 2: Retrato da evasão.....	56
FIGURA 3: Sala de aula.....	57
FIGURA 4: Prática docente descontextualizada.....	58
FIGURA 5: Aula tradicional.....	59

## SUMÁRIO

<b>1.INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>2. EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS</b> .....	15
<b>2.1. Conceito</b> .....	15
<b>2.2. A Alfabetização na EJA</b> .....	16
<b>2.3. Contexto Histórico</b> .....	18
<b>3. DISCUTINDO A DOCÊNCIA NA EJA</b> .....	22
<b>3.1. Prática docente e Concepções pedagógicas</b> .....	22
3.1.1 Desafios da Docência .....	23
<b>3.2. Formação e Saberes Pedagógicos</b> .....	25
<b>3.3. Dimensões da Competência</b> .....	29
<b>4.METODOLOGIA</b> .....	32
<b>5.DESCRICÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS</b> .....	35
5.1 Questionário .....	35
5.1.1. Motivação .....	37
5.1.2. Desafios .....	40
5.2. Observação em sala de aula.....	46
5.2.1. Escola I .....	46
5.2.2 Escola II.....	55
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	59
<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	61
<b>APÊNDICES</b> .....	63
<b>ANEXOS</b> .....	65

## 1. INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos no Brasil sempre foi marcada por movimentos ou iniciativas individuais de grupos, órgãos públicos e privados ou pesquisadores decididos a enfrentar o problema da existência de uma abrangente população que não teve oportunidade de frequentar a escola regular. A problemática educacional no Brasil está marcada pela exclusão de camadas populares da sociedade que vem impedindo a inúmeros cidadãos a possibilidade de acesso inúmeros saberes produzidos nas diferentes áreas do conhecimento.

A EJA, lamentavelmente, é o resultado das precárias condições que jovens e adultos, em sua maioria, enfrentam em seu cotidiano, pois muitos desses jovens por não terem escolha acabam abandonando os estudos no auge da sua juventude para trabalhar e, assim, contribuir financeiramente para o sustento da família. Essa é uma das atitudes que acabam fazendo com que a evasão escolar só aumente, ou seja, os jovens deixam os estudos de lado em busca de melhores condições de vida para si e também para sua família, em sua maioria, de origem humilde.

Além da necessidade de alfabetização, a perspectiva para a qualificação pessoal e profissional, como também condição para o acesso aos diferentes espaços de cultura, possibilitando reflexão sobre a vida na sociedade. A alfabetização de jovens e adultos é um desafio, não só para administradores governamentais, universidades, alunos, sociedade, como também para todos os profissionais envolvidos e, principalmente, para o professor da EJA que atua diretamente na sala de aula. O profissional da EJA precisa e deve visar à construção da consciência crítica e reflexiva dos seus alunos, na qual capacidades, atitudes e valores sejam necessários para que as pessoas melhorem a qualidade de vida e continuem aprendendo.

Precisamos compreender como se dá o processo de aprendizagem dos jovens e adultos e como poderia ser o processo de ensino voltado para uma educação integral, que considere os aspectos sociais, culturais, afetivos e cognitivos dos alunos. A Educação de Jovens e Adultos – EJA é uma modalidade da educação básica destinada aos jovens e adultos que não tiveram acesso à escola, e que se ocorreu de certa forma foram “excluídos” pelo sistema educacional ou não concluíram os estudos do ensino fundamental e do ensino médio na faixa etária indicada.

A EJA, como todos os níveis da educação, exige constantemente investimentos nas escolas, na reciclagem do corpo docente, nos lugares onde há uma maior

precariedade,garantindo aos estudantes em geral e principalmente aos da EJA,uma identidade de respeito,capacitando,preparando,motivando,instruindo e avaliando.

Como futuras pedagogas, vemos que é preciso fazer com que a educação cumpra seu papel primordial que é o de formar um ser humano reflexivo, crítico, pensante e feliz apto para tomarem suas decisões e decidir sobre seu futuro e o de sua comunidade.

O perfil e a postura dos professores que estão inseridos na EJA são de suma importância para o desenvolvimento cognitivo, intelectual e para a aprendizagem significativa dos alunos inseridos. Se esse professor não estiver motivado, se ele não enfrentar os desafios da EJA como possibilidades de aprendizagem, crescimento e enriquecimento da sua profissão, não atingirá resultados significativos no desenvolvimento de seu alunado.

Ora se ele não estiver motivado e não procurar vencer tais desafios, como conseguirá atingir sucesso perante seu público?Se assim proceder, acreditamos que possivelmente a acomodação e o conformismo com a realidade o vencerão e, conseqüentemente, prejudicarão mais uma vez a vida estudantil, daqueles para qual a educação que lhes é de direito, já lhes foi negada, em algum momento das suas vidas, seja novamente negada. Portanto, julgamos importante procurar entender o perfil desse profissional e saber quais suas motivações e desafios no ensino da educação de jovens e adultos que o levaram a sala de aula dessa modalidade de ensino (EJA).

Despertou-nos interesse essa área de aprofundamento, por ser uma realidade vivenciada de forma insuficiente na nossa trajetória acadêmica, não descartando que será preciso e primordial para nossa construção como educadoras buscarmos a aquisição de novos saberes em outras áreas educacionais. Porém, diante da possibilidade de escolher entre duas áreas de aprofundamento no último período do curso, optamos pela EJA, por interesse de aprender de forma mais significativa sobre esse universo, como também pela curiosidade de aprendermos, como seria ministrar aulas, realizar atividades, motivar-se e motivar alunos já tão desmotivados, na busca de visualizar e compreender os desafios do professor nessa modalidade.

Ao estudarmos sobre a Educação de Jovens e Adultos é possível perceber o quanto é importante o cuidado com os conteúdos a serem abordados em sala de aula, pois as concepções dos alunos com relação ao ensino/aprendizagem são muito distintas de acordo com suas respectivas idades e com os contextos sociais no qual estão inseridos. A EJA tem sido uma oportunidade de concluir os estudos, almejando melhores condições de trabalho ou até mesmo buscar de viver dignamente no meio da sociedade letrada. Por

distintos motivos essas pessoas que compõem esse determinado público acabam sendo encaminhadas para a Educação de Jovens e Adultos. A respeito disso Freire diz que: “A questão da identidade cultural, de que fazem parte a dimensão individual e a da classe dos educandos cujo respeito é absolutamente fundamental na prática educativa progressista, é problema que não pode ser desprezado” (FREIRE, 2013, p.42).

Um fator também relevante que buscamos alcançar através do estudo dessa modalidade de ensino é a possibilidade de identificarmos estilos de vida desse público e, principalmente, dos professores que nela atuam, apropriando-nos dos reais motivos que os levaram a lecionar na Educação de Jovens e Adultos, os métodos utilizados por eles, suas dificuldades e o que os motiva a continuar na EJA.

É importante destacar a concepção ampliada de educação de jovens e adultos no sentido de não se limitar apenas à escolarização, mas também reconhecer a educação como direito humano fundamental para a constituição de jovens e adultos autônomos, críticos e ativos frente à realidade em que vivem.

Consideramos que para o professor dessa modalidade, torna-se de grande responsabilidade e desafio motivar a si mesmo, ao alunado, resgatando-lhes dessa exclusão a que foram submetidos em algum momento da vida estudantil pelo sistema educacional ou por outros diversificados motivos, deixando assim de concluírem o ensino regular.

## 2. EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

### 2.1. Conceito

Conceituando EJA, nos movemos em direção à educação popular, uma vez que o conhecimento é construído coletivamente entre os sujeitos que nela estão inseridos, com a comunidade, com a luta diária destas pessoas, seja esta luta pela falta do que comer, ou do que vestir, ou do direito à escola e saúde de qualidade, trabalho, ou a soma delas. E assim caminhando torna-se mais abrangente e precisa ser composto por um educador que apresente um perfil sensível, compreendendo o cotidiano bem como realidade desse meio popular. Os conteúdos a serem ministrados não deverão ser estranhos a tal realidade. Para bem definir a Educação Popular de que falamos, recorreremos à fala de Paulo Freire, patrono da educação brasileira:

[O] conceito de Educação de Adultos vai se movendo na direção do de educação popular na medida em que a realidade começa a fazer algumas exigências à sensibilidade e à competência científica dos educadores e das educadoras. Uma destas exigências tem que ver com a compreensão crítica dos educadores do que vem ocorrendo na cotidianidade do meio popular. Não é possível a educadoras e educadores pensar apenas os procedimentos didáticos e os conteúdos a serem ensinados aos grupos populares. Os próprios conteúdos a serem ensinados não podem ser totalmente estranhos àquela cotidianidade. O que acontece, no meio popular, nas periferias das cidades, nos campos-trabalhadores urbanos e rurais reunindo-se para rezar ou para discutir seus direitos-, nada pode escapar à curiosidade arguta dos educadores envolvidos na prática da Educação Popular (FREIRE, 2001, p. 16).

Com jovens e adultos o ensino deve ser voltado para o contexto no qual estão inseridos os alunos, isso trará para o educador contribuições para a compreensão do que acontece no cotidiano deles, às aulas precisam ser dinâmicas e planejadas, de acordo com essa realidade sempre que possível, promovendo interação entre discente e docente, proporcionando uma troca de experiências, onde ambos saiam das aulas com a construção de novos conhecimentos. Assim sendo, para o educando, a escola será um espaço de sociabilidade, de transformação social e de construção de conhecimentos, onde buscará o que julgar necessário ao acréscimo do seu aprendizado. Em sala de aula, é clara a preocupação do aluno em saber se o conteúdo ministrado vai ou não servir no seu dia a dia.

Esta modalidade de ensino possibilita a seu público uma instrução na vida adulta, embora muitas vezes os estudos tornem-se exaustivos, pois os alunos, em sua maioria, chegam à sala de aula após um dia de trabalho exaustivo, mas a busca da realização pessoal e profissional, quase sempre é tão necessária e urgente, que os encorajam a tentarem uma ascensão educacional não conquistada enquanto jovens.

## 2.2.A Alfabetização na EJA

No contexto da EJA é fundamental priorizarmos o ponto de partida de cada aluno respectivamente, iniciando com uma avaliação diagnóstica, para verificarmos em que grau de alfabetização os educandos se encontram. Conceituando alfabetização Schwartz (2012), nos aponta que essa definição tem se modificado ao longo do tempo e, conseqüentemente, vem sendo avaliado e definido de vários modos.

Até 1940 eram considerados alfabetizados, todas as pessoas que afirmavam saber ler e escrever e que assinavam seu nome para comprová-lo. A partir de 1950 até o censo realizado no ano de 2000, são alterados os instrumentos de avaliação, passando-se a considerar alfabetizados os que declaravam-se serem capazes de ler e escrever um texto simples. No sentido etimológico,alfabetizar significa“levar à aquisição do alfabeto”,o que deixa o termo reduzido a uma estratégica mecânica,articulada com a habilidade de codificar e decodificar grafemas e fonemas.

Encontramos inúmeras interpretações relacionadas ao conceito de “alfabetizado”. Para alguns seria conseguir ler um pequeno texto, para outros é fundamental a entrada na cultura escrita bem como nos usos que dela se faz. Então abordemos alguns conceitos que nos levam a compreender mais claramente este conceito tão importante e primordial na educação de jovens e adultos.

Em Freire (1998), citado por Schwartz (2012, p.24)

[O] termo está associado à leitura de mundo, já que linguagem e realidade estão entrelaçadas, pois a compreensão do texto demanda a percepção das relações existentes entre o escrito e o contexto. Sendo assim, é possível compreender por que “apenas” a habilidade de codificar e decodificar um sistema arbitrário não é suficiente para atender a complexidade do conceito de alfabetizado.

Em Moreira (1993), citado por Schwartz (2012, p.24)

[O] conceito de alfabetização refere-se à habilidade de ler e escrever. Ler é ser capaz de se descentrar de suas idéias e pensamentos para acompanhar, compreender, analisar, julgar o pensamento do outro, buscar o significado por trás das palavras, lerem também as entrelinhas.

Quando elaboramos um texto estamos utilizando-o para representar algo que pensamos,compartilhando,defendendo, etc.. E conseguimos efetuar efetivamente a função da escrita quando esse pensamento torna-se exterior a nós. Isto não significa que o pensamento vem antes da escrita,o ato de escrever também nos faz pensar,portanto escrever vai muito além que a representação gráfica de um código.Fica compreendido que o processo de ler e escrever realiza-se continuamente.Ainda conforme Schwartz (2012,p.25):

a aprendizagem de ambos os processos – ler e escrever – acontece ao longo da vida, não tendo idade determinada para acontecer. Trata-se de mover-se em direção a um objetivo que não é fixo, que se move, modifica, amplia-se indefinidamente [...] os sistemas educacionais precisam assumir a aprendizagem ao longo de toda vida como o atendimento de uma necessidade de uma realidade existente.

Temos em Vasconcelos (1994, p.34) citado por Schwartz (2012, p.25) que [...] “o conhecimento tem que ser de tal que o sujeito se transforme, e com isto seja capaz de transformar a realidade. Esta é a educação que interessa: formar novos mestres e não eternos discípulos [...]”.

A alfabetização pode ser compreendida como uma porta de entrada para as principais oportunidades que surgem na sociedade seja na interação com o outro, seja na busca por uma oportunidade de emprego, oportunizando observar que cada vez mais o diálogo tem-se feito presente nas salas de aula, tornando o ambiente escolar mais democrático, assumindo assim, um papel fundamental na alfabetização de jovens e adultos. Mas não só o diálogo é capaz de revolucionar a alfabetização. Quando o docente cria novas situações, proporcionando ao aluno pensar, estar contribuindo para que esse discente cada vez mais encontre na sala de aula um ponto de partida para encarar a sociedade mais conscientemente.

O ato de ler e escrever são fundamentais para o ser humano, mas não é tudo. Dialogar com o outro e refletir sobre as questões que ocorrem ao seu redor também pode torná-lo sujeito crítico, capacitando-o continuamente. Essas reais possibilidades de desenvolver competências, que pareciam ser inatingíveis, em muitos períodos de nossa história devem instigar os professores para a democratização do saber.

A prática pedagógica do professor é singular, pois cada um apropria-se distintamente, internalizando metodologias a partir da compreensão teórica que possui, juntamente com experiências que adquirirão em sala de aula. Desse modo, é possível perceber que cada educador apresenta concepções distintas relacionadas ao ensino-aprendizagem. Mas independente das suas características e experiências profissionais, é significativo que ele volte-se para a realidade do seu público, contextualizando e levando em consideração suas vivências e realidade sociais.

Segundo Freire (2013, p.16),

[T]anto as palavras quanto os textos das cartilhas nada tem que ver com a experiência existencial dos alfabetizados. E quando o têm-se esgota esta relação ao ser expressada de maneira paternalista, do que resulta serem tratados os adultos de uma forma que não ousamos sequer chamar de infantil. Este modo de tratar os adultos analfabetos implica uma deformada maneira de

vê-los---como se eles fossem totalmente diferentes dos demais. Não se lhes reconhece a experiência existencial bem como o acúmulo de conhecimentos que esta experiência lhes deu e continua dando.

Os educandos mais velhos, em algumas ocasiões, constroem-se ao dividirem sala aula com jovens adolescentes que possuem outra perspectiva de vida, dependendo da metodologia do professor, que precisa ter o cuidado com atividades infantilizadas (exemplo, uso de cartilhas e tarefas infantis) pode ocasionar desmotivação e influenciar negativamente na aprendizagem desses sujeitos, desestimulado e causando desânimo nas aulas. Muitos adultos, após um dia exaustivo de trabalho deparam-se com atividades mal elaboradas pelo docente, levando-lhes a dificuldade de apropriarem-se dos conteúdos propostos. É de extrema importância que a mediação dos conteúdos na EJA,possua uma contextualização,na tentativa de atingir a apropriação dos saberes e uma aprendizagem significativa.

### **2.3 Contexto Histórico**

No Brasil, o discurso sobre inclusão social através da educação é bastante antigo e não fica difícil observar que a educação é um importante instrumento que permite uma busca por melhoria de vida.

"A educação de jovens e adultos é definida pelo artigo 37 da LDB, (Lei Nº 9394/96) como modalidade de ensino que será destinada àqueles que não tiveram acesso ou à continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria". A principal tarefa da Educação de Jovens e Adultos é fazer valer o que está escrito no artigo 208, inciso I da Constituição Federal de 1988, que garante o acesso e permanência ao ensino fundamental a todos. Esse inciso precisa ser respeitado colocando em prática, adequando esta modalidade de ensino às características dos jovens e adultos brasileiros.

Saldanha (2009) nos ajuda a compreender a história da EJA. A educação começa no Brasil, no período colonial em 1549, com os jesuítas acreditando que não seria possível converter os índios sem que eles soubessem ler e escrever. Até aqui, verifica-se a importância da alfabetização(catequização)na vida dos adultos(SOUZA,2007).

Desde o Brasil Colônia,quando falava-se em educação para população não infantil,fazia-se referência a população adulta, que precisava ser catequizada para as causas da santa fé. A expulsão dos jesuítas, ocorrida no século XVIII, desorganizou o ensino até então estabelecido, fortalecendo o ensino tradicional, na perspectiva leiga (SALDANHA, 2009).

A educação básica de adultos começou a estabelecer seu lugar através da história da educação no Brasil, a partir da década de 1930, pois neste período a sociedade passava por grandes transformações, onde o sistema de ensino de educação começa a firmar-se. Além do crescimento no processo de industrialização e reunião da população nos centros urbanos. A oferta de ensino era de graça estendendo-se respeitosamente,acolhendo setores sociais cada vez mais diversos.O crescimento da educação elementar foi estimulado pelo governo federal,no qual projetava diretrizes educacionais para todo o país.Observa-se que o governo estava sempre contribuindo para melhoria da educação,dando apoio e fazendo com que todos os cidadãos pudessem usufruir de uma educação de qualidade.

Segundo Freire (2005) comentando das idéias em torno da educação de adultos no Brasil acompanhada de uma história de educação como um todo, onde a educação passou por momentos de grandes reflexões, no qual vemos que cada período um sonho em fazer do ensino um direito de todos, para que o indivíduo possa gozar dos seus direitos.

Novas iniciativas sobre ações dirigidas à educação de adultos somente ocorreram na época do Império. A constituição Imperial de 1824 reservava a todos os cidadãos a instrução primária gratuita. Contudo,a titularidade de cidadania era restrita às pessoas livres,saídas das elites que poderiam ocupar funções na burocracia imperial ou no exercício de funções ligadas a política e o trabalho imperial.

No Brasil Império, começaram a abrir escolas noturnas, destinadas aos adultos e possibilitando o acesso dos mesmos no meio escolar. O ensino tinha pouca qualidade, normalmente com duração curta.

No Séc.XX, na década da revolução de 1930, conforme Saldanha (2009), o único interesse do governo era alfabetizar as camadas baixas com intuito de aprender a ler e escrever, sem que se despertasse a reflexão crítica.

Saldanha (2009) aborda que a década de 1940 foi um período de muitas mudanças na educação de adultos, havendo grandes iniciativas políticas e pedagógicas, tais como: A Regulamentação do Fundo Nacional do Ensino do INEP, como meio de incentivo, realizando estudos na área; o surgimento das primeiras obras especificamente dedicadas ao ensino supletivo; lançamento da Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA), na qual houve uma grande preocupação com a elaboração de materiais didáticos para adultos e a realização de dois eventos fundamentais para a área: O 1º Congresso Nacional de Educação de Adultos realizado em 1947 e o Seminário

Interamericano de Educação de Adultos de 1949, com intuito de fazer com que a educação abrisse possibilidade de um ensino melhor.

De acordo com Rybczynski (2014), nos anos 1970, o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) foi projetado e mantido pelo governo militar brasileiro, sob a Lei nº 5.379, de 15 de dezembro de 1967 e propunha a alfabetização funcional de jovens e adultos, que abandonaram a escola, visando conduzir a pessoa a adquirir a leitura, escrita e cálculo como meio de integrá-la a sua comunidade, permitindo melhores condições de vida na sociedade.

Durante 15 anos, jovens e adultos frequentaram as aulas do Mobral, cujo objetivo era proporcionar alfabetização e letramento a pessoas acima da idade escolar convencional, porém, com a recessão econômica iniciada nos anos 1980, inviabilizou a continuidade do Mobral, que demandava altos recursos. Como sempre, a educação é atingida pela má gestão ou desinteresse, seja de que partido político for, ou filosofia empregada, de direita, esquerda.

Algumas ações que surgiram foram as do Programa de Alfabetização, sendo a mais importante o PET-Programa de Educação Total, que correspondia a uma condensação do antigo curso primário, pois este programa abria oportunidade para o jovem continuar os estudos, para os recém-analfabetos, bem como para os chamados analfabetos funcionais, aquelas pessoas que não dominavam a leitura e a escrita (RIBEIRO, 2001).

A partir da década de 1980 e 1990, o ensino voltado tradicional perde espaço, fazendo com que os educadores buscassem novas propostas de ensino, com intuito de ajudar no crescimento do aluno para um ensino mais qualificado. Mesmo assim, a década de 1990 não foi muito benéfica, devido à falta de políticas públicas para a EJA, chegando a contribuir para o fechamento da Fundação Educar, além de ocorrer um grande vazio político, no que se refere a esse setor.

Em janeiro de 2003, o Ministério da Educação anunciou que a alfabetização de jovens e adultos seria uma prioridade do Governo Federal. Para isso, foi criada a Secretaria Extraordinária de Erradicação do Analfabetismo, cuja meta era erradicar o analfabetismo durante o mandato de quatro anos do governo Lula. Para cumprir essa meta foi lançado o programa Brasil Alfabetizado, por meio do qual o MEC contribuiu com os órgãos públicos Estaduais e Municipais, instituições de ensino superior e organizações sem fins lucrativos para que desenvolvessem ações de alfabetização.

Como podemos observar, a retrospectiva da EJA nos revela uma luta incessante pelo reconhecimento dessa modalidade de ensino, por leis e investimentos que garantissem uma evolução significativa no ensino desses jovens e adultos, os quais dependem e precisam de uma segunda chance, para que possam mudar suas realidades de vida. A luta não foi fácil e ainda continua, podemos constatar avanços, mas também, precisamos reconhecer que ainda temos uma estrada longa a percorrermos, para que o ensino voltado aos jovens e adultos, atinja uma perspectiva significativa e diferenciada nas nossas escolas.

A partir do parecer de Jamil Cury (2000), destacamos que apesar da inclusão da EJA no Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (FUNDEB) representar uma fonte de recursos para ampliar a oferta, não provocou a diminuição de evasão, ainda com números alarmantes. Vemos que de fato a evasão é um grande desafio, enfrentado por gestores e professores da EJA, mesmo com recursos garantidos, as desistências ainda são significativas.

Ora, se o professor não encarar sua função, como algo sério e de grande importância, pouca será sua contribuição para que esses números de evasão diminuam. As competências e habilidades a serem desenvolvidas são complexas e encontramos nas escolas um número considerável de profissionais desmotivados, sem disposição para encarar tais desafios e descomprometidos com a formação crítica, mantendo a si próprio e aos seus alunos nessa visão ingênua, reprodutora de informações, na perspectiva freiriana.

### 3. DISCUTINDO A DOCÊNCIA NA EJA

#### 3.1 Prática docente e Concepções pedagógicas

Ao longo da nossa trajetória acadêmica e com algumas experiências profissionais, começamos a acreditar e perceber que ser professor vai além de passar e repassar conteúdos e conceitos. Sempre nos motivou e ainda motiva professores que nos despertam encantamentos e que se permitem encantarem-se por seus alunos. Quando na práxis, esse caminho é de mão dupla, ocorrem motivações e deslocamentos rumo à apropriação de saberes, fazendo com que os alunos se interessem sempre mais.

Freire (2013, p.47), ao falar sobre o ensino nos diz que:

Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, as suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho – a de ensinar e não a de transferir conhecimento.

Cabe a nós enquanto educadores, preparar nossos educandos, para o exercício pleno da cidadania, que inicia-se na escola no decorrer da educação infantil estendendo-se até a educação superior. De nada adiantarão os conhecimentos bem ministrados em salas de aula, se fora dela, o aluno se tornar um homem rude.

Pensamos que aprende-se a ser professor também sendo professor, vivenciando a prática e refletindo criticamente sobre ela, buscando construir uma escola democrática, pois a gestão democrática leva-nos a construirmos uma escola mais transparente, com menos erros, mais acertos e possibilidades de atender as demandas dos diversos públicos em seus contextos sociais.

Na perspectiva Freiriana, o professor precisa adquirir uma postura de interventor, mediador, acreditando ser possível, tanto para ele, enquanto educador como para os educandos, transitar de uma perspectiva ingênua para uma perspectiva crítica. Freire, (2006, p.15, grifo do autor) ao falar sobre o analfabetismo, sinaliza que:

a concepção ingênua do analfabetismo o encara ora como uma “erva daninha”[...] ora como uma “enfermidade” que passa de um a outro, quase por contágio, ora como uma “chaga” deprimente a ser “curada”,[...] o analfabetismo aparece também nessa visão ingênua, como a manifestação da “incapacidade” do povo de sua “pouca inteligência”, de sua “proverbal preguiça”.

O autor ainda esclarece:

para a concepção crítica o analfabetismo nem é uma “chaga”, nem uma “erva daninha” a ser erradicada, nem tampouco uma enfermidade, mas uma das expressões concretas de uma realidade social injusta, [...] a alfabetização nessa perspectiva, que não pode ser a das classes dominantes, se instaura como um

processo de busca, de criação, em que os alfabetizados são desafiados a perceber a significação profunda da linguagem e da palavra (FREIRE, 2006, p.15).

A ingênua seria aquela em que o professor apenas vai depositando letras, sílabas, palavras no aluno, de forma mecânica, engessada, sem levar em consideração a contextualização social daquele público. Vê o aluno como ser incapaz, passivo, preguiçoso, pouco inteligente, enquanto a crítica vê essa realidade de tantos jovens e adultos ainda não alfabetizados, como um problema político e não apenas metodológico linguístico ou pedagógico.

Sobre a perspectiva crítica, Freire (2006, p.19, grifo nosso) destaca que “[...] faz-se importante desenvolver, nos educandos como no educador, um pensar certo sobre a realidade. E isto não se faz por meio do blábláblá, mas do **respeito** à unidade entre prática e teoria”.

Levando em consideração, o processo de ensino-aprendizagem, a reflexão crítica das realidades sociais desses sujeitos, fazendo com que sejam sujeitos do processo. As pessoas adaptam-se às circunstâncias que lhes são oferecidas, daí se essas perspectivas ingênuas lhes forem apresentadas, elas permanentemente se apresentarão em suas vidas e, posteriormente, por essas pessoas serão reproduzidas, porque foi assim que lhes foi ensinado.

### 3.1.1 Desafios da Docência

É importantíssimo e um desafio para o professor constatar em que tipo de realidade seus alunos e ele também como docente encontram-se, para poder através da mediação, do diálogo, das experiências, fazê-los e fazer-se migrar da visão ingênua para a visão crítica, que irá torná-los sujeitos dinâmicos, reflexivos, críticos e não simplesmente passivos e incapazes como se fossem meros depósitos de palavras, sílabas, números e contas.

Mas, tudo isso deve ser um processo de diálogo, de escuta e de experiências, como todo processo educacional. Não é fácil. Precisasse que o educador dialogue, escute para que tanto ele como seus educandos não permaneçam engessados nessa perspectiva ingênua e possam atingir de maneira significativa a crítica, pois é fundamental passarmos por momentos de experiências para nos apropriarmos das habilidades e competências, que são de grande importância tanto para nós educadores como para nossos educandos.

Um dos grandes desafios do ser professor é acreditar em seus alunos e fazê-los acreditar que são capazes de alcançar mais adiante, mesmo que seja através de uma segunda oportunidade, como é no caso da EJA. Aplicando no ensino, atividades que vão despertar-lhes habilidades e competências fundamentais para seu cotidiano. Buscando essa prática, tais habilidades, não só irá levá-los a desenvolverem aprendizagens significativas, como lhes possibilitará superar obstáculos toda vez que em suas vidas, apresentar-se algo árduo ou inesperado.

A docência em sua particularidade expressa o ato de lecionar, exercendo assim o magistério, administrando as aulas com o objetivo de proporcionar aos estudantes um ensino qualitativo que vise o aprimoramento dos conhecimentos dos mesmos. Desse modo, pode-se dizer que o profissional docente é uma personalidade de extrema importância para a sociedade no qual estar inserido, podendo proporcionar aos seus educandos uma leitura de mundo que permite uma compreensão mais abrangente do que acontece a sua volta.

Podemos dizer que o docente apresenta diversas capacidades diante da missão que lhe é inerente ou que faz parte da sua profissão, lecionando e despertando a curiosidade de seus alunos, esclarecendo dúvidas que possam surgir ao longo do dia, estando aberto a qualquer questão que possa ser apresentada pelos seus alunos no cotidiano da sala de aula.

Ao comentar sobre a formação docente, Freire (2013, p.40) sinaliza que

[N] a formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente sobre a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser a tal modo concreto que quase se confunda com a prática.

Sobre esse apontamento de Freire, é possível percebermos que ser professor implica exercer uma função de transmitir, adquirir e trocar conhecimentos, respeitando o aluno, sua realidade, suas crenças e sua cultura. Desse modo é importante dizer que para ser um bom professor é necessário que haja compromisso, dedicação, determinação, empenho, ou seja, ser professor não é uma simples tarefa, é uma missão que o profissional persistentemente busca alcançar objetivos essenciais para formar cidadãos criticamente reflexivos, para que possam intervir em suas vidas e da comunidade na qual fazem parte.

### **3.2 Formações e Saberes Pedagógicos**

Ao tornar-se professor, o indivíduo precisa estabelecer metas, determinar alguns pontos que lhe parecem de extrema importância. Enfatizando as dificuldades dos educandos e os problemas que ocorrem no cotidiano. Precisando ter compromisso com ele mesmo, através da observação de suas qualidades, aprimorando constantemente sua formação para manter-se como um profissional ascendente na área educacional. Freire (2013, p.45) nos aponta que:

o que importa, na formação docente, não é a repetição mecânica do gesto, este ou aquele, mas a compreensão do valor dos sentimentos, das emoções, do desejo, da insegurança a ser superada pela segurança, do medo que, ao ser “educado”, vai gerando a coragem.

É importante ser definido pelo docente os perfis dos seus alunos, buscando condições favoráveis para a realização das diversificadas atividades escolares, enriquecedoras e necessárias para os indivíduos que estão em pelo desenvolvimento intelectual e social. Cabe ao docente compreender as necessidades individuais de seus educandos e diante delas, elaborar aulas contextualizadas que possibilitaram uma apropriação de saberes significativos e o exercício da criticidade.

Pimenta (2005, p.20), ao trazer a experiência, como sendo um dos saberes da docência, nos diz que, para ocorrer à construção da identidade do professor, não é suficiente apenas experiência. O saber que o docente adquire ao longo de sua jornada acadêmica somada às vivências profissionais faz com que o mesmo possa proporcionar aos alunos um ensino/aprendizagem de qualidade. Dessa forma, pode-se destacar que a base do conhecimento do docente está ligada tanto as fundamentações teóricas que foram abordadas no espaço acadêmico quanto às vivências ao longo da vida do profissional, e que a construção da identidade é contínua, pois a todo momento o sujeito está apto a novas experiências, onde o mesmo absorve as idéias que lhes serão de extrema importância, para que possa incorporar a teoria e a didática utilizando-as de maneira significativa e apropriada.

Pimenta (2005, p.24), critica a fragmentação de saberes na formação de professores e a flutuação da pedagogia que, ao restringir-se a um campo aplicado das demais ciências da educação perde seu significado de ciência prática da prática [...]. A autora compreende que os saberes do docente abrangem diferentes dimensões, relacionadas à experiência advindo da história de vida, das relações que os docentes obtiveram ao longo de suas vidas no contato com a escola. Ao conhecimento que são os saberes teóricos, conhecimentos que vão além de obter a simples informação e aos saberes

pedagógicos que são compostos dos saberes da experiência, dos saberes teóricos (conhecimento) e do saber didático-pedagógico.

A dimensão da experiência está interligada às suas experiências enquanto aluno, quando ele pôde conviver com professores de personalidades distintas, com maneiras diversificadas de lecionar, e que de alguma forma, direta ou indiretamente pôde colaborar para que esse indivíduo atingisse alguma compreensão do que é ser professor bom ou não. Pimenta (2005, p.19) ainda nos diz que “[M]obilizar os saberes da experiência é, pois, o primeiro passo [...] na construção da identidade dos futuros professores”. Essas experiências influenciam o professor na escolha entre ser um professor bancário ou buscar se inovar à medida que surgirem em seu caminho oportunidades de crescimento pessoal e profissional.

A gama de informações já forma um prévio entendimento do que pode vir a ser a ação docente, o ser professor. Os discentes na graduação já possuem estas noções do ser professor, principalmente pelas noções prévias das experiências como alunos. Mas os saberes da experiência não se resumem somente às experiências prévias dos docentes como alunos, mas, também nas experiências do fazer cotidiano do professor, os saberes imediatos relacionados ao campo profissional, nas relações que o professor estabelece com realidade concreta.

Os saberes da experiência são os saberes produzidos pelo discente (futuro professor) que, embora não se identifique como professor idealiza o que é ser professor. São também saberes que os professores produzem “no seu cotidiano docente, num processo permanente de reflexão sobre sua prática, mediatizada por colegas de trabalho, os textos produzidos por outros educadores [...]” (PIMENTA, 2005, p. 20).

A experiência do professor antes da docência, durante a docência e na relação estabelecidas com outros docentes serão referências utilizadas para constituir-lo como professor. Assim sendo temos os saberes da experiência como caminho que conduz à autoria da sua prática pedagógica.

O conhecimento, outro saber importante que sinaliza Pimenta (2005, p.23), “[...] seria o segundo passo no processo de construção da identidade dos professores no curso de licenciatura”. Dominar o saber teórico significa, além de adquirir informação, trabalhar com elas, classificando-as, analisando-as e contextualizando-as, produzindo assim novas formas de conhecimento. De maneira geral, os professores têm clareza de que sem os saberes teóricos (conhecimento) não poderão ensinar adequadamente determinada área de conhecimento. No entanto, no cotidiano da sala de aula, poucos refletem para

que, porque, quando e de que forma (como) ensiná-los e ainda sobre que significado esses saberes teóricos têm na vida de seus alunos.

Buscar conhecimento e refletir sobre ele é essencial para o docente que acaba desenvolvendo a sabedoria, o que poderá levá-lo a mediar esse conhecimento de modo que os alunos sejam capazes de compreender esses ensinamentos e se humanizem. Assim, a autora também aponta que a educação é um processo de humanização, que tem a função de formar os indivíduos participantes do processo civilizatório para a inserção desses alunos na sociedade, desenvolvendo neles um conhecimento amplo que lhes possibilitem contribuir e levá-los (ao processo civilizatório) adiante.

Outro fator importante é o saber pedagógico discutido por Pimenta (2005, p.26). A autora diz que “os saberes sobre a educação e sobre a pedagogia não geram os saberes pedagógicos, estes só se constituem a partir da prática, que os confronta e os reelabora”, sendo ele a base da relação entre o professor, a instituição e a sociedade.

A experiência e o conhecimento não fazem do professor um profissional completo, é preciso haver saberes pedagógicos articulados com a didática. Assim, ao inserir a didática, o docente poderá através da metodologia encaminhar e orientar de modo mais específico, proporcionando para seus alunos uma aprendizagem que seja coerente, tornando os alunos aptos a pensar, questionar e expor suas idéias.

Pimenta (2005, p.24), ainda nos alerta que os saberes na “história da formação dos professores, têm sido trabalhados como blocos distintos e desarticulados. Às vezes um sobrepõe-se aos demais, em decorrência do status e poder que adquirem na academia”. Os saberes pedagógicos trazem grandes contribuições à formação de professores. Esses saberes apontam para a importância de considerar-se a necessidade de que a formação docente ocorra de forma articulada, ou seja, relacionando-se os saberes docentes, ou seja, saberes pedagógicos com saberes da experiência e saberes teóricos/conhecimento.

Acompanhando a autora, acreditamos que o ideal para a construção da identidade do professor, seria a junção desses respectivos saberes, sendo primordial a aquisição de ambos ao longo de sua vida profissional. Desenvolvendo uma articulação satisfatória, entre esses saberes, alcançaremos uma prática docente coerente, significativa e, conseqüentemente, êxito profissional.

Entre esses saberes, embora os professores valorizem mais os saberes práticos ou da experiência, tomando-os como referencial tanto para avaliar sua competência ou desenvolvimento profissional, assim como para aceitar ou produzir inovações, na formação de professores assume maior importância os saberes pedagógicos. A construção

da identidade docente passa, necessariamente, pela experiência e pelo processo reflexivo. É refletindo na prática e sobre ela cotidianamente em sala de aula, que o docente busca entender o que deve saber e como fazer, encontrando subsídios para tornar-se um docente autônomo e crítico, contribuindo significativamente para ministrar uma prática docente de qualidade no ensino.

Vejamos o que diz Freire (2013, p.58), sobre o respeito que o docente deve ter por si mesmo:

quando saio de casa para trabalhar com os alunos, não tenho dúvida nenhuma de que, inacabados e conscientes do inacabamento, abertos à procura, curiosos (...). Como educador, devo estar constantemente advertido com relação a este respeito que implica igualmente o que devo ter por mim mesmo.

Nesse aspecto, destacamos como são significantes os saberes de Paulo Freire, quando ele diz que não há docência sem discência, ou seja, ensinar não é apenas, transferir conhecimento, pois quem ensina aprende e quem aprende também possui a capacidade de ensinar, recriar ou refazer o ensinado. Alcançando uma aprendizagem significativa. É preciso permitir ao aluno, constantemente, a construção do conhecimento, uma vez que ele nunca será algo totalmente acabado, com definitivamente um fim, ele sempre estará aberto à reconstrução, a uma continuidade, por isso tanto professor como aluno, podem ir além do que imaginam, pois como seres inacabados estão em constante busca e transformação, fundamentando a educação como um processo permanente.

Ensinar exige segurança, comprometimento, competência profissional, generosidade. O professor precisa compreender que esse ato é uma forma de intervir no mundo, na sociedade e precisa-se de coerência. Outro ponto bastante importante e que concordamos com Freire, é quando ele diz que ensinar, exige saber escutar, somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala com ele, sem precisar se impor.

Sobre a seriedade e afetividade, Freire (2013, p.138) nos fala que:

[N]ão é certo, sobretudo do ponto de vista democrático, que serei tão melhor professor quanto mais severo, mais frio, mais distante e “cinzento” me ponha nas minhas relações com os alunos no trato dos objetos cognoscíveis que devo ensinar (...). O que não posso obviamente permitir é que minha afetividade interfira no cumprimento ético do meu dever de professor, no exercício de minha autoridade. Não posso condicionar a avaliação do trabalho escolar de um aluno ao maior ou menor bem-querer que tenha por ele.

Outro fator bastante significativo na docência é que seriedade e afetividade podem e devem caminhar juntas, não são caminhos opostos, ensinar também pede alegria na busca do conhecimento e satisfação com a docência.

Os alunos da EJA, de alguma maneira foram levados a abandonarem os estudos, por diferentes motivos sociais ou pessoais, e na procura por melhores condições de vida resolveram voltar a estudar. Entretanto, para que esses jovens e adultos adquiram uma aprendizagem significativa é preciso que o ensino seja voltado para realidade de acordo com suas vivências.

Há relatos de professores da EJA que seus alunos, em sua maioria, constroem-se por dividirem a sala de aula com adolescentes que possuem outra perspectiva de vida e alguns profissionais equivocadamente, utilizam-se de atividades infantilizadas que não proporcionam uma aprendizagem significativa aos mesmos. Nesse caso, o ensino poderá apresentar desmotivação, já que muitos são adultos, chegam à sala de aula após uma jornada de trabalho exaustiva e ao depararem-se com atividades mal elaboradas, desestimulam-se, contribuindo negativamente na busca pela construção dos saberes e no processo de desenvolvimento das competências.

É preciso levar para os alunos problemas e atividades relacionados ao seu cotidiano, onde possam proporcionar uma aprendizagem significativa, que contribua para o desenvolvimento dos saberes, permitindo pensar criticamente e lhes possibilite mudar sua realidade e da comunidade na qual estão inseridos. A prática pedagógica do professor é algo muito inerente, desse modo é possível perceber que cada educador apresenta concepções distintas relacionadas ao processo de ensino-aprendizagem.

### **3.3 Dimensões da Competência**

Rios (2005) descreve que na ação docente encontramos as seguintes dimensões: técnica, política, estética e moral e que ambas estão entrelaçadas, ou seja, existe uma estreita relação entre elas.

De acordo com Vázquez, (1968), citado por Rios (2005, p.96), “[S] e a práxis não revela um caráter criador, ela tem seu significado empobrecido, tornando-se uma práxis reiterativa ou burocratizada.” Quando discute a dimensão técnica a autora nos aponta que:

[O] que se encontra-se é a repetição e o formalismo, a sujeição a modelos, a ausência da reflexão. Para que a práxis docente seja competente, não basta, então, o domínio de alguns conhecimentos e o recurso a algumas “técnicas” para socializá-los (RIOS, 2005, p.96).

Tecendo sobre a dimensão técnica, a nossa prática docente não pode apresentar um caráter engessado, é preciso que busquemos uma criatividade, para que consigamos atingir formas enriquecedoras e não meras repetições de modelos e técnicas. Precisamos

comprometimento com a necessidade do nosso público, essa dimensão refere-se à capacidade de ministrar os conteúdos, construindo e reconstruindo com nossos discentes.

Quanto à dimensão estética, ao trazê-la para nossa prática docente, estamos dando luz à identidade do professor e ao seu trabalho docente, ou seja, a ação docente competente envolve técnica e sensibilidade orientadas por princípios, seguindo um caminho numa perspectiva criadora. A estética não seria algo que já nasce com o profissional e sim, movimentos em busca de atingi-la proporcionando a esse sujeito uma sensação de puro prazer.

Ao discutir sobre o professor competente, Rios (2005, p.107) nos diz que:

não falamos em competência como algo abstrato ou um modelo – temos que situá-la nas sociedades reais em que vivemos nós, professores docentes. A competência é sempre situada – o ofício do professor dá-se dentro de um sistema de educação formal, numa determinada instituição escolar, num coletivo de profissionais que fazem a escola, numa sociedade específica.

As dimensões ética e política possuem uma estreita relação. Quando buscamos uma ação docente em que priorizamos a participação de todos na construção da nossa sociedade, exercitando nossos direitos e deveres, estamos colocando em uso a dimensão política, já a ética refere-se à orientação dessas ações, fundamentada em princípios, buscando sempre ações benéficas a todos.

Sem desmerecer as demais dimensões, a ética é bastante relevante entre as quatro, fundamentando as demais a orientarem-se por princípios éticos. No decorrer da nossa formação, ouvimos sempre que uma das funções da educação é a formação da cidadania, cabendo aos professores uma fundamental importância nessa formação. E ele obterá êxito na sua missão, se sua ação se realiza nessa direção, articulando sempre essas respectivas dimensões da competência.

[C]hamamos a dimensão ética de dimensão fundante da competência porque a técnica, a estética e a política ganharão seu significado pleno quando, além de se apoiarem em fundamentos próprios de sua natureza, se guiarem por princípios éticos. Assim, vale reafirmar que, para um professor competente, não basta dominar bem os conceitos de sua área – é preciso pensar criticamente no valor efetivo desses conceitos para a inserção criativa dos sujeitos na sociedade (RIOS, 2005, p.108).

Refletindo em Rios, reafirmamos o destaque à dimensão ética que em nosso entendimento realmente fundamenta as demais. É como entender que são regidas por suas características específicas com embasamento nas questões éticas, pois se cabe a educação formar cidadãos, essa cidadania não deverá ser qualquer cidadania, ela só ganhará sentido em uma sociedade democrática, construída coletivamente.

Sobre o papel da escola Rios (1995, p.32), aponta que:

Passa a ser mais significativo ainda, uma vez que lida com um saber que muitas vezes precisa ser repensado, reavaliado e reestruturado. Infelizmente, nem sempre ou quase sempre a escola “não tem cumprido o objetivo da educação que desejamos, de cunho democrático, socializando o saber e os meios para aprendê-lo e transformá-lo.

Na escola, os alunos devem compreender que são cidadãos ativos no processo ensino-aprendizagem, socializando conhecimentos e construindo uma posição crítica diante de qualquer assunto em estudo. Sabemos que a escola não é a única responsável pela formação da cidadania, mas destacamos o seu importante papel e o seu potencial na luta por uma sociedade mais justa e humana, que poderá e deverão resultar em uma educação consciente, cidadã e emancipatória.

A escola que forma para a cidadania deve acrescentar em seus conteúdos escolares, temas considerados relevantes para a formação do cidadão participativo e atuante na sociedade. Os conteúdos escolares ensinados devem, portanto, estar em conexão com as questões sociais que marcam cada momento histórico.

Por isso, a escola deve ser um espaço de formação e informação, onde a aquisição de conteúdos insere o aluno no contexto das questões sociais primordiais e relevantes no universo cultural. A escola que busca a construção da cidadania valoriza a cultura de sua própria comunidade e busca ir além, favorecendo aos alunos dos diferentes grupos sociais, o acesso aos conhecimentos importantes da cultura brasileira e universal.

Um ensino de qualidade preza a formação de cidadãos capazes de interferir criticamente na realidade, objetivando transformá-la. A formação escolar deve possibilitar aos alunos condições para o desenvolvimento de competências e consciência profissional, mas não se restringir ao ensino de habilidades imediatamente demandadas pelo mercado de trabalho.

#### 4. METODOLOGIA

O docente apresenta um papel fundamental para a sociedade, sendo responsável em mediar conhecimentos na formação dos diferentes profissionais que atuam em diversas áreas do mercado de trabalho. Considerando de fundamental importância essa posição, decidimos pesquisar sobre os docentes, o que pensam em que acreditam quais as dificuldades enfrentadas no cotidiano escolar e quais as motivações que os faz permanecer na EJA e seus desafios cotidianos.

Assim sendo, decidimos investigar detalhadamente o docente que atua na Educação de Jovens e Adultos, como pensa em relação aos seus alunos, quais atitudes apresenta dentro da sala de aula e o que diferencia dos professores da Educação Infantil e do Ensino Fundamental regular.

Buscamos então realizar a nossa pesquisa através de uma metodologia qualitativa, significando que os dados fornecidos pelos usuários que participaram da coleta dos dados, indicaram informações fundamentais, possibilitando-nos desenvolver entendimentos baseando-se nos dados fornecidos. Diante desse quadro, investigamos a temática: “Motivação e Desafios do Professor da Educação de Jovens e Adultos (EJA)”.

Os objetivos foram analisar a docência na EJA, evidenciando contribuições e desafios, bem como identificar as motivações do professor atuante nessa modalidade. Com a finalidade de atingirmos tais objetivos, buscamos explorar em nossa pesquisa o docente, o que motiva-lhe a continuar atuando nessa área e quais as dificuldades que o mesmo enfrenta no seu cotidiano em sala de aula, tendo como ponto de partida à abordagem qualitativa, que visa definir o significado das coletas realizadas, com o público alvo, através de um tempo considerável para reflexão do assunto que está em questão, possibilitando que os indivíduos sejam diretos e precisos em suas respostas, expondo suas idéias, e assim contribuindo para a resolução da problemática desenvolvida.

Oliveira (1999, p.1170) discute que as abordagens qualitativas

facilitam descrever a complexidade de problemas e hipóteses, bem como analisar a interação entre variáveis, compreender e classificar determinados processos sociais, oferecer contribuições no processo de mudanças, criação ou formação de opiniões de determinados grupos e interpretação das particularidades dos comportamentos ou atitudes dos indivíduos.

A pesquisa foi realizada em algumas escolas municipais do Município de João Pessoa e do Município de Cabedelo na Paraíba, com professores da Educação de Jovens e Adultos do ciclo I e do ciclo II, totalizando 10(dez) professores, sendo 8(oito)

professores de escolas que atuam em João Pessoa e 2(dois) professores do Município de Cabedelo.

Dos 10 questionários distribuídos, 8 foram devolvidos, sendo 6 de João Pessoa e 2 de Cabedelo, totalizando 8(oito) válidos. Os respectivos docentes participaram da nossa pesquisa espontaneamente, sem demonstrar nenhuma resistência para contribuir com a nossa investigação, respondendo ao instrumento aplicado a partir de maio de 2015. Os docentes que participaram, transpareceram firmes em suas afirmações, contribuindo de forma positiva para a conclusão da nossa pesquisa.

Como já foi citado anteriormente, um dos instrumentos de pesquisa utilizado para coleta de dados foi o questionário. No entanto, também utilizamos a observação de aulas.

O questionário foi escolhido por visualizarmos que é um meio bastante eficaz na obtenção de informações importantes, em curto prazo, além de ser uma maneira rápida, dinâmica, direta, permitindo que o entrevistado sintasse envolvido na nossa pesquisa. Como requisitos para elaboração do nosso questionário, definimos algumas questões, consideradas importantes, que apontam os aspectos-chave de sua atuação na Educação de Jovens e Adultos, e conseqüentemente proporcionam a identificação do perfil docente. Foram os seguintes itens:

1. Idade;
2. Formação;
3. Tempo de experiência enquanto professor;
4. Tempo de experiência na EJA;
5. Fatores que lhe motivaram a atuar na EJA;
6. Os maiores desafios identificados na Educação de Jovens e Adultos, ao longo de sua experiência docente.

Essas questões articuladas entre si possibilitaram-nos identificar o perfil do docente da Educação de Jovens e Adultos, permitindo-nos chegar ao nosso objetivo principal que foi compreender a vivência do professor da Educação de Jovens e Adultos, suas motivações e desafios que lhe são peculiares nessa modalidade de ensino.

Por meio das observações de aulas nos foi possível presenciar cotidianos concretos da realidade em duas turmas: uma em João Pessoa e outra em Cabedelo. Por conta da organização a partir do questionário, o professor de Cabedelo será o Professor 5 e o de João Pessoa será o Professor 6.

Em uma das observações, identificamos que a evasão na Educação de Jovens e Adultos é um dos grandes desafios enfrentados não apenas pelo docente que atua na EJA, como também por toda a gestão escolar que sente-se incapaz de estimular o público dessa modalidade de ensino.

Verificamos ser de extrema importância o deslocamento ao campo de pesquisa, possibilitando-nos uma visão da realidade das práticas educativas em sala de aula, na qual o docente, através de seus saberes pedagógicos revelando-nos ou não, possui capacidade de articular a visão de dois mundos, ou seja, a visão de mundo dos jovens e a visão de mundo dos adultos, sendo fundamental para a prática desse profissional a interação de ambas, podendo dessa forma, proporcionar aos discentes maior fluidez no cotidiano escolar.

Tais experiências são fundamentais, permitindo-nos aproximação com a realidade dos docentes da EJA, utilizando-nos deste meio para compreendermos as suas respostas nos questionários, já que cada um possui uma visão singular, que lhe é inerente no que se refere ao ensino.

## 5. DESCRIÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste item trazemos a descrição dos dados coletados na pesquisa através do questionário e das observações realizadas no decorrer dos estágios supervisionados em EJA, nas escolas municipais de João Pessoa e Cabedelo, onde concentraram-se nossos campos de pesquisa. Descreveremos um perfil dos docentes envolvidos, bem como a análise crítica da realidade encontrada, tendo como parâmetro a contribuição teórica levantada na pesquisa bibliográfica que sustenta o presente trabalho.

Contamos com a colaboração dos colegas concluintes do curso de Pedagogia que, igualmente a nós, encontravam-se no campo de estágio supervisionado em Educação de Jovens e Adultos. Nas suas respectivas escolas onde estagiaram, aplicaram o questionário que encontram-se no apêndice deste trabalho.

### 5.1 Questionário

Iniciamos a análise do questionário discutindo dados referentes à idade, formação, tempo de serviço e tempo em que atuam na EJA, resumidos no quadro 1.

**Quadro 1 - Perfil Inicial**

<b>Professor</b>	<b>Idade</b>	<b>Formação</b>	<b>Tempo de serviço</b>	<b>Tempo que atua na EJA</b>
<b>Professor 1</b>	21 anos	Licenciatura em Matemática	3 anos	1 ano
<b>Professor 2</b>	39 anos	Magistério, Pedagogia (cursando)	2 anos	1 ano
<b>Professor 3</b>	41 anos	Magistério	2 anos	1 ano
<b>Professor 4</b>	45 anos	Magistério, Pedagogia, Especialização em gestão e organização escolar	28 anos	2 anos
<b>Professor 5</b>	49 anos	Pedagogia, Especialização em Psicopedagoga	31 anos	4 anos
<b>Professor 6</b>	52 anos	Magistério, Pedagogia	32 anos	7 anos
<b>Professor 7</b>	55 anos	Pedagogia e Bacharelado em Administração de Empresas	1 ano e 4 meses	9 meses
<b>Professor 8</b>	60 anos	Magistério, Pedagogia e Especialização	34 anos	18 anos

Fonte: Questionário aplicado pelas pesquisadoras.

No que refere-se à idade do grupo pesquisado, vê-se que a faixa etária é de 21 a 60 anos de idade, sendo que apenas um dos professores entrevistados é bastante jovem, um dado muito pertinente e que nos instiga a pensar quais motivos levam esse docente jovem a atuar na EJA. Os outros sujeitos possuem idade entre 39 a 60 anos, levando-nos a observação da diversidade na faixa etária dos profissionais que atuam nessa modalidade. Sendo uma peculiaridade bastante considerável, pelo fato de muitos já apresentarem idade avançada, encontrando-se provavelmente próximos à aposentadoria.

Quanto à formação dos docentes, obtivemos informações bastante pertinentes, possibilitando-nos visualizar que entre todos os professores entrevistados, nenhum deles possui especialização na modalidade da EJA. Tal realidade nos instiga ao questionamento: não seria pertinente ao docente que atua na Educação de Jovens e Adultos uma formação específica? Além dessa indicação, existem outros fatores que clamam por atenção, dentre eles está, um professor com formação de Licenciatura em Matemática, enquanto a maioria possui Magistério e graduação em Pedagogia.

No que diz respeito ao tempo de serviço dos docentes é bastante relevante o que foi identificado nas respostas dos professores entrevistados. Quatro deles possuem até 3(três) anos de atuação em sala de aula, enquanto os 4(quatro) demais possuem de 28 a 34 anos de tempo de serviço.

Ainda mais pertinente refletirmos sobre o tempo que os docentes atuam na modalidade de ensino EJA, em relação ao período que exercem a função docente. Dos 8 professores, apenas 1 deles apresenta tempo de serviço consideravelmente relevante, possuindo 18 anos de docência atuantes na Educação de Jovens e Adultos, o que nos aponta uma bagagem de saberes pedagógicos bastantes consideráveis o que já lhe proporcionou vivências diversificadas no que diz respeito ao âmbito escolar.

A experiência não faz do professor um profissional completo, uma vez que conforme Pimenta (2005), o saber que o docente adquire ao longo de sua jornada acadêmica somada as vivências profissionais, faz com que o mesmo possa proporcionar aos alunos um ensino e aprendizagem de qualidade. Relembrando que não podemos nos impressionar com o número de anos que se refere a sua experiência, bem considerável, porém é pertinente destacar que o docente precisa somar a esses anos de experiências, outros aspectos para que ocorra a formação de sua identidade enquanto docente, como o conhecimento e os saberes pedagógicos somados a didática.

Além dos 3(três) professores citados acima, existem outros 5(cinco) que apresentaram anos de experiência bem inferiores na atuação em sala de aula de EJA.

Enquanto um detém 2(dois) anos de experiência, os demais apresentaram de 9 meses a 1 ano, remetendo-nos a questionar qual seria a compreensão que esses docentes possuem em relação à EJA, suas atuações e posicionamentos frente aos alunos, que tipos de conhecimentos são transmitidos e levados a construção em sala de aula e quais perspectivas apresentadas diante dos educandos.

### 5.1.1. Motivação

Prosseguindo à análise dos dados do questionário faremos referências às motivações dos docentes frente à modalidade de ensino da EJA. Quando questionados sobre os fatores que os motivaram a atuar na Educação de Jovens e Adultos encontramos diferentes respostas:

Melhor horário para minha rotina. (Professor1, 21anos, 3anos exercendo a profissão)

Nunca pensei em trabalhar na EJA, mas o horário é tranquilo. (Professor6, 52 anos, há 32 anos exercendo a profissão)

Nas entrelinhas das respostas acima é possível identificarmos que os professores primeiramente priorizam suas questões pessoais. O docente1 expressa uma idéia de que trabalhar na EJA é relevante, pois proporciona-lhe uma melhor rotina cotidianamente. Será que os respectivos motivos estão condicionados à faixa etária?Será que ocupam-se com outras atividades nos demais turnos, que os conduzem a afirmar que o respectivo horário em que funciona a EJA enquadra-se melhor em suas rotinas?Os respectivos comentários trazem consigo inúmeros motivos que nos conduzem a refletir sobre determinadas atuações docentes nesse campo.

Direcionando-nos ao que nos indica Paulo Freire (2013, p.149) ao referir-se à motivação dos docentes:

(...) ouvi de muitas outras, ter optado pelo curso de formação do magistério (...) na espera por um casamento. (...) a prática educativa é algo muito sério. Lidamos com gente.Participamos de sua formação.Ajudando ou prejudicando nesta busca.Estamos intrinsecamente a eles ligados no seu processo de conhecimento.Podemos concorrer com nossa incompetência,com nossa má preparação,com nossa irresponsabilidade para o seu fracasso.Mas podemos também,com nossa responsabilidade,com nosso preparo científico e o nosso gosto do ensino,com nossa seriedade e o nosso testemunho de luta contra as injustiças contribuir para que vão se tornando presenças marcantes no mundo.

Não podemos ver a prática educativa como algo existente, apenas para passar uma chuva, um passatempo. A motivação que alimenta o professor 1 e o professor 6 leva-nos a imaginar que muitos cursos de pedagogia e magistério têm formado profissionais

equivocadamente. Como posso enquanto cientista da educação, ter como discurso motivos descomprometidos com a Educação de Jovens e Adultos?

Em contrapartida temos os seguintes discursos:

Uma necessidade pessoal. Onde encontrei meu caminho como educadora. Pois na EJA, trabalhamos não só conteúdos, mas a autoestima dos alunos. (Professor5, 49anos, há 31anos exercendo a profissão)

Força de vontade dos alunos que nos faz presente em sala de aula, pois a remuneração não é satisfatória. (Professor2, 39 anos, há 2anos exercendo a profissão)

A força de vontade dos alunos. (Professor3, 41 anos, há 2 anos exercendo a profissão)

Em outra direção, o Professor 5 afirma que, primeiramente, foi à questão pessoal que o conduziu a EJA, assegurando que ao atuar nessa modalidade de ensino, encontrou-se enquanto docente, na justificativa que nessa modalidade trabalha-senão só conteúdos, como também a autoestima dos alunos.

Será que sua afirmação também está condicionada ao tempo de serviço e a sua faixa etária? Já o Professor 2 e Professor 3 alegam como motivação, a força de vontade dos alunos, mesmo frente a um descaso salarial predominante no setor educacional contemporâneo. Diante de tais afirmações, indagamos, quais serão os motivos que conduziram esses docentes a atuarem na Educação de Jovens e Adultos, qual o propósito de lecionar para esse determinado público? Será que as faixas etárias interferem em suas atuações, enquanto docentes?

Os professores5, 2 e 3 estabelecem uma motivação que possibilita-nos acreditar em docentes comprometidos, encontrando-se ali por convicções pertinentes a Educação de Jovens e Adultos, apontando motivos que vão além da transmissão de conteúdos e que possuem o intuito de alcançar a esfera motivacional dos educandos. Está intrínseco neles a vontade de conduzi-los ao mundo do saber e a presença de dimensões pedagógicas fundamentais, trazidas por Rios (2005) que possibilitarão em sua prática docente auxiliar seus educandos na construção de uma consciência crítica.

Direcionando para as afirmações dos docentes 7 e 8 temos, respectivamente:

Sou capacitado em Educação Infantil: de 0 a 6 anos e tenho o desejo de conhecer o universo de alfabetizar jovens e adultos e conhecer suas vivências. (Professor 7, 55 anos, 1 anos e 4 meses exercendo a profissão)

A educação e atenção para querer aprender, o esforço e sacrifício, tudo isso motiva-me para dar o melhor para eles. (Professor8, 60 anos, há 34 exercendo a profissão)

Com esses apontamentos, visualizamos o Professor 7 expressando uma vontade de somar na Educação de Jovens e Adultos, embora não possua capacitação específica para atuar nessa modalidade de ensino. Conseguimos verificar uma transição em busca da dimensão estética, como nos apontou Rios (2005) que esta não seria algo que o docente já nasce com ela, mas envolve todo esse movimento realizado pelo docente em busca de atingi-la e que proporcionará a esse sujeito uma sensação de satisfação e prazer.

O Professor 8, afirma que sua motivação é visualizar em cada educando um esforço significativo e, que apesar do sacrifício e das “marcas” deixadas pela vida, o desejo de progredir no mundo letrado torna-se mais forte que qualquer herança negativa de suas vidas. Remetendo-nos ao que nos disse Freire (2013), é importante ter a consciência que tanto nós como nossos educandos, somos seres inacabados, curiosos e dispostos a aprender e por essas fundamentais características, precisamos respeitar nossos educandos e a nós mesmos enquanto docentes.

Quando verificamos a existência de docentes que visualizam os educandos em seu contexto geral, utilizando-se de práticas pedagógicas que partem da realidade deles e são voltadas especificamente para eles, percebemos que as dificuldades que antes impossibilitavam o discente de evoluir significativamente, assumem então uma nova ordem e um novo contexto, favorecendo e conduzindo o educando em direção a uma aprendizagem significativa. O docente 4 diz: “*Não existiram fatores e sim um convite que resolvi aceitar*” (Professor4, 45 anos, há 28 exercendo a profissão).

Demonstrando em seu apontamento um perfil de indiferença relacionada à sua profissão e conseqüentemente aos educandos, o docente 4 enquanto profissional e cientista da educação não deveria apresenta-se com tamanha frieza, afirmando que migra de uma modalidade de ensino para outra, apenas, por causa de um mero convite, mesmo que para isso, não esteja preparado e motivado. Desse modo, à medida que expõe sua indiferença, aceita o convite, deixando-nos apreensivos e atentos quanto aos perfis de docentes que assumem a responsabilidade de lecionar na Educação de Jovens e Adultos.

Paulo Freire e Macedo (2013, p.168) nos dizem que: “[N] o sentido mais amplo, a alfabetização [...] pode ser como um conjunto de práticas culturais que promovam a mudança democrática e emancipadora”.

Consideramos agravante e preocupante para a realidade da EJA, a presença de profissionais tão indiferentes às suas práticas docentes nessa modalidade de ensino, transitando para ela sem o mínimo de preparo que a mesma exige, esquivando-se

de proporcionar um processo de ensino-aprendizagem significativo, assumindo um papel democrático e emancipador, trazidos por estes respectivos teóricos.

Ao transitarmos em Rios (2005), com sua dimensão ética, fundante das demais dimensões, diante dos perfis do professores 4, 1 e 6, não conseguimos visualizar a presença dessa dimensão tão primordial na prática docente. Desmotivando-nos e deixando-nos apreensivos com os rumos tomados pela educação de jovens e adultos nesses respectivos municípios, como em todo território brasileiro.

### **5.1.2. Desafios**

Finalizamos coma análise de dados do questionário, relacionados aos desafios do docente frente à modalidade de ensino da EJA. Quando perguntados sobre os seus maiores desafios enfrentados em suas atuações na modalidade de ensino EJA. Diversificadas foram suas respostas.O Professor1 nos afirma:

Fazer com que os alunos interessem-se por matemática é sempre um desafio, ela é a matéria que a maioria dos alunos possui dificuldades. (Professor1, 21 anos, 3 anos exercendo a profissão).

Consideramos pertinente essa fala, pois o público da EJA envolve educandos, em sua maioria, ainda não numeralizados e,quando dominam algum campo da matemática,apresentam ainda dificuldades básicas. Transitando em Freire (2013), que destacou a importância de definirmos o perfil dos educandos, entendemos ser primordial a busca por condições favoráveis para a realização de atividades escolares diversificadas e voltadas para o contexto real que estão inseridos os educandos. Ao tornarmos a prática educativa enriquecedora,proporcionamos aos indivíduos em pleno desenvolvimento intelectual e social a construção de saberes,indispensáveis no mundo contemporâneo.

Seria totalmente positiva e pertinente a fala do respectivo docente, se essa afirmação não tivesse associada à sua motivação, de estar atuando na modalidade de ensino EJA, por questões pessoais, como ‘melhor horário ’a‘se encaixar em sua rotina’. Ainda podemos associar todo o seu discurso a sua faixa etária e por lecionar a tão pouco tempo na Educação de Jovens e Adultos.

Pimenta (2005) nos ressaltou que a construção da identidade do professor é contínua e durante seu percurso profissional, devendo estar apto a novas experiências, onde irá construir e reconstruir saberes que também serão importantes, e quando somados a teoria e a didática, apresentarão utilidades mais significativas e apropriadas. Assim sendo,

acreditamos que o docente<sup>1</sup>, poderá ter seu discurso alterado à medida que sua identidade vá sendo construída.

Direcionando-nos para as afirmações dos docentes 2 e 3, temos:

A falta de recursos impossibilita-nos de realizar atividades pedagógicas como desejamos. Além disso, falta assistência da Secretaria de Educação do Município do qual atuo. (Professor<sup>2</sup>, 39 anos, há 2 anos exercendo a profissão)

A falta de incentivo do governo bem como a falta de recurso para os alunos. (Professor 3, 41 anos, há 2 anos exercendo a profissão)

Todo aluno de escola pública tem direito a receber o material didático que será utilizado em sala de aula ao longo do ano. A Lei de Diretrizes e Bases, que dita às normas da Educação Brasileira, em seu artigo 4º, item VIII, aponta:

O dever do Estado com educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de: atendimento ao educando, em todas as etapas da educação básica, por meio de programas suplementares de material didático-escolar, transporte, alimentação e assistência à saúde.

Aqui nos deparamos com uma realidade que é constante nas escolas do nosso país, estados e municípios. É preciso sairmos da nossa zona de conforto e lutarmos para que os direitos, respaldado sem lei dos nossos educandos sejam garantidos.

Como esses respectivos docentes afirmaram que é a demonstração de força de vontade de seus educandos que proporcionam-lhes motivação no cotidiano da docência em EJA, acreditamos sim, que saíram de suas zonas de conforto e tentaram assegurar o que está estabelecido na LDB, no que refere-se ao material escolar. E mesmo que essa tentativa não ocorra, utilizar-se-ão do que estiver disponível, para garantir aos seus educandos, uma aprendizagem significativa.

Os docentes 4 e 5 apresentam os seguintes desafios em suas falas:

A evasão escolar. (Professor 4, 45 anos, há 28 exercendo a profissão)

Fazer com que os jovens fiquem em sala, pois não querem responsabilidade, já os adultos, querem recuperar o tempo perdido. (Professor 5, 49 anos, há 31 anos exercendo a profissão)

Ao mesmo tempo em que precisam enfrentar a evasão escolar, principalmente dos jovens, que ainda transitam por um período de grandes transformações, conduzindo-os a apresentarem resistências às responsabilidades que a vida adulta exige. Não são todos os jovens, referimo-nos a um contexto geral. Temos os adultos da EJA, revelando-se detentores de uma força e vontade de recuperar o tempo perdido, ou como citamos

anteriormente nesse estudo, recuperar aquilo que lhes é de direito e em algum determinado momento de suas vidas, lhes foi negado por diversificados fatores.

Ao mesmo tempo em que os desafios dos docentes<sup>4</sup> e <sup>5</sup> corroboram para uma questão preocupante da realidade na modalidade de ensino EJA, o docente 4 nos deixa em estado de alerta, transparecendo insignificância ao assumir uma turma da Educação de Jovens e Adultos. Encontrando-se atuante nessa modalidade de ensino apenas por ter aceitado um convite e ainda convivendo com o seu maior desafio que é a evasão escolar. Muito nos preocupa que postura o respectivo docente terá diante desse quadro desafiador na Educação de Jovens e Adultos.

Ao comentar sobre a formação docente, Freire (2013) nos sinalizou que, a formação docente é permanente e que um momento bastante fundamental e primordial é quando nós enquanto cientistas da educação, [...] “Procuramos refletir criticamente sobre nossa prática de ontem e de hoje, possibilitando uma perspectiva de melhora na nossa prática de amanhã [...] O discurso docente precisa ser tão real que se confundirá com sua prática”.

Se esse profissional 4 nos afirma com tamanha frieza, os motivos que lhes conduziram a EJA, como poderemos esperar que reflita-se sobre sua prática constantemente, a fim de conduzir seus educandos, a construção de um pensamento crítico-reflexivo.

O docente 5, apresenta preocupação relacionada à evasão escolar, ao mesmo tempo em que inspira-nos, ao afirmar que apesar de todos os desafios enfrentados no dia a dia, encontra-se atuando na Educação de Jovens e Adultos não só por uma questão pessoal e pelo simples objetivo de transmitir conteúdos, como também por ter se encontrado como docente, tendo como motivação, alunos apresentando vontade de construir saberes significativo.

Nas afirmações dos docentes 6,7 e 8, identificamos:

Meu maior desafio é na aprendizagem da leitura e da escrita, sendo bem maior a leitura. (Professor<sup>6</sup>, 52 anos, há 32 anos exercendo a profissão).

Trabalhar com adultos com déficit de aprendizagem e necessidade especial (seu universo e suas vidas). Apesar de pouco tempo de experiência é gratificante, um desafio. (Professor<sup>7</sup>, 55 anos, 1 ano e 4 meses exercendo a profissão).

Foi enfrentar alunos que não sabiam pegar no lápis, mas venci com muita força de vontade. (Professor<sup>8</sup>, 60 anos, há 34 exercendo a profissão).

Referindo-nos ao docente 6, verificamos um desafio, que expressa bem à realidade do público da EJA, em sua maioria chegam nessa modalidade de ensino semi analfabetos ou totalmente analfabetos. Transitando nessa direção, Schwartz (2012), nos fez refletir que os processos de ler e escrever acontece ao longo da vida, sem idade determinada. Para compreendermos melhor esse processo, imaginemos um objeto que não é fixo e que caminharíamos constantemente e incansavelmente em busca de alcançá-lo.

É fundamental que os docentes assim como todo o sistema educacional assumam essa postura de aprendizagem como uma necessidade da realidade existente nessa modalidade de ensino. O docente 6 nos informou, quando perguntado sobre sua motivação, que nunca imaginou fazer parte da EJA e em nossos diálogos informais, durante as observações do estágio supervisionado, nos afirmou que ali mantinha-se por não pretender a aposentadoria, evitando assim, perdas salariais.

Precisamos nos remeter ao que disse Rios (2005) referindo-se as dimensões que são necessárias à formação da identidade do docente. No que refere-se a essas dimensões não conseguimos visualizar nitidamente no determinado profissional, a presença da dimensão, que mais uma vez afirmamos ser fundante para as demais dimensões, a ética. Utilizando-se de uma postura otimista, pensamos que se esse profissional não estivesse prestes a aposentar-se de suas atividades, caminharíamos em busca da construção dos saberes pedagógicos e da construção de sua identidade como docente.

Os docentes 7 e 8 muito motivam-nos a apresentarem desafios na modalidade de ensino EJA. Apesar do Professor 7 admitir-se possuidor de poucos anos de experiência, seu discurso leva-nos a acreditar que detém a vontade de caminhar em busca da construção de sua identidade como professor da modalidade de ensino aqui estudada.

Convictos sobre a sinalização que nos fez Freire (2013), sobre seriedade e afetividade, que do ponto de vista de uma educação democrática, não pode-se acreditar que ser um bom professor, é assumir cotidianamente uma postura fria, como visualizamos no perfil do professor 4, aqui já citado, distante e cinzenta, como se os educandos fossem meros objetos, que devemos articular, manipular ou simplesmente depositar informações.

Essa demonstração de insignificância parece-nos visível no perfil do docente 4, diferentemente do ocorrido nas respostas dos docentes 7 e 8. Em suas afirmações quanto às questões que lhes motivam a terem iniciado uma atuação na Educação de Jovens e Adultos, somadas aos seus desafios cotidianos, conduzem-nos a crer que ambos os perfis, são de cientistas da educação motivados. Apesar do professor 7 possuir uma atuação

inicial nessa modalidade de ensino e o professor 8, apresentar 18 anos de experiência, deixam-nos evidências que estão motivados e constantemente aptos a novas experiências, almejando construções e reconstruções de saberes necessários a prática pedagógica.

Verificamos nas afirmativas dos respectivos docentes, termos que dão importância considerável aos educandos dessa modalidade, como a valorização e o respeito ao conhecimento e as marcas que cada um traz consigo, respeitando o contexto em que estão inseridos, pois é primordial que o professor-mediador leve em consideração todo esse contexto, em sua prática educativa.

Acreditamos que o docente é um mediador que coloca os educandos em contato com o caminho que leva a construção do conhecimento, cabendo-lhe também como papel de educado gerar motivação, auxiliando na aquisição e construção do conhecimento, proporcionando ao educando uma participação ativa.

As práticas pautadas na simples reprodução do conhecimento, enquanto verdades absolutas, já não dão conta da multiplicidade de saberes existentes na sociedade. O docente não é mais detentor do conhecimento, aquele que sabe de tudo, nem seus educandos são meros receptores, o docente é aquele que aponta caminhos para que seus alunos descubram e construam de forma dinâmica os saberes, através do trabalho em conjunto, considerando os interesses dos alunos e seu conhecimento de mundo.

Rummert (2002, p. 127) destaca a necessidade da valorização dos saberes dos educandos ao dizer que:

[O]s alunos, enquanto sujeitos culturais dominam saberes que, valorizados, dão nova dimensão as práticas pedagógicas, permite a todos---professores e alunos---voltar, a si próprios e aos outros, um olhar que se distancia da perspectiva negativa que, muitas vezes, marca a concepção que se tem da EJA.

As argumentações de Rummert (2002) remetem-se diretamente aos educandos da EJA, os quais caracterizam-se como um grupo heterogêneo, do ponto de vista da faixa etária, da cultura, da visão de mundo e dos conhecimentos prévios. A inclusão, por vezes, precoce, no mundo do trabalho e a experiência social fizeram com que esses alunos acumulassem uma bagagem rica e diversa de conhecimentos e formas de atuar no mundo em que vivem.

A escola representa para eles um espaço, ao mesmo tempo, de recolocação social, de sociabilidade, de formalização do saber e de desenvolvimento pessoal. Cabem a todos, docentes atuantes da EJA, aproveitar toda a bagagem apresentada por esse

público e relacioná-la ao processo de ensino-aprendizagem significativo, tornando as aulas um encontro de satisfação de suas necessidades e expectativas.

Voltando aos argumentos de Rummert (Idem), a escola não pode mais fazer de conta que não enxerga essas diferenças, sobretudo, quando fala da Educação de Jovens e Adultos:

[...] os jovens e adultos trabalhadores trazem, para o interior do espaço escolar, uma multiplicidade e uma riqueza de saberes que quase nunca ousam externar por considerá-los inadequados, sem valor, ou mesmo equivocados. A escola, por uma série de razões marcadas por um processo de cristalização de valores ideologicamente construídos pelos interesses dominantes, com frequência também se fecha a esses saberes, ignorando-os ou desqualificando-os. Romper este distanciamento nos jovens e adultos trabalhadores, seres construtores da cultura (RUMMERT, 2002, p.126 e 127).

Faz-se necessário abordar em salas de aula da EJA, temas compatíveis com os interesses, tanto dos jovens, como também dos adultos. É importante destacar que o convívio entre diferentes faixas etárias, do aluno jovem com o aluno adulto pode ser enriquecedor, ao interagir os alunos apresentam visões de mundo diversificadas, culturas diferentes e ninguém é detentor da verdade. Proporcionando aos educandos, aulas motivadoras, que os estimularão bem como ao docente também.

Enfim, quando questionados a respeito de suas motivações e desafios na Educação de Jovens e Adultos, alguns responderam à questão basicamente pensando na mesma linha de raciocínio, ou seja, justificaram suas respostas enfatizando a falta de incentivo do governo, como podemos observar nas respostas dos docentes 2 e 3.

A falta de recursos impossibilita-nos de realizar atividades pedagógicas como desejamos. Além disso, falta assistência da Secretaria de Educação do Município do qual atuo. (Professor 2, 39 anos, há 2 anos exercendo a profissão)

A falta de incentivo do governo bem como a falta de recurso para os alunos. (Professor 3, 41 anos, há 2 anos exercendo a profissão)

A justificativa desses docentes em relação ao maior desafio de atuar na EJA envolve, não só a falta de assistência, que vai desde uma infra estrutura adequada para atender a demanda dos alunos e proporcionar ao educador um ambiente confortável, que proporcione-lhes melhores condições de trabalho, até a falta de recursos e investimentos específicos nessa área, definitivamente é o eixo principal que contribui para uma educação que empobrece o trabalho docente, impossibilitando-o de realizar atividades pedagógicas, como destaca o Professor 2 em sua resposta.

Outro fator relevante é a evasão escolar, citada na resposta do docente 4. Lamentavelmente a evasão escolar não é um desafio apenas dos órgãos governamentais

ou da sociedade, mas também do professor que atua diretamente em sala de aula com educandos que por inúmeros motivos acabam-se evadindo da escola, essa atitude faz com que o educador permaneça em estado de impotência devido ao desinteresse dos jovens, enquanto os adultos que habitualmente vivem dias de trabalhos exaustivos buscam nas aulas da EJA, recuperar o tempo perdido.

Visualizamos também, que por se tratar de um desafio, esses respectivos docentes não permitem transparecer que almejam desistir, do contrário, afirmam ser satisfatório, conhecer o universo dessa respectiva modalidade de ensino EJA e acreditam que podem contribuir de alguma forma, para que os educandos consigam construir conhecimentos significativos durante o processo de ensino-aprendizagem na Educação de Jovens e Adultos.

## **5.2. Observação em sala de aula**

Quanto às observações, enquanto instrumento de pesquisa, realizamos durante o estágio na Educação de Jovens e Adultos na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Maria de Fátima Souto Maior, localizada no município de João Pessoa, bairro de Mangabeira I, que chamaremos de escola 1 e na Escola Municipal Antônio Viana, localizada no município de Cabedelo que chamaremos de escola 2.

### **5.2.1. Escola I**

Na Escola Maria de Fátima Souto, realizamos a observação na sala do ciclo I da EJA, tendo como docente, o professor 6, citado no quadro em anexo. Em nos nossos diálogos informais, afirmava-nos estar lecionando na modalidade de ensino da EJA, por motivo de ter sido solicitado a transitar para EJA, através de um convite, pela diretora da escola. Especificando possuir bastante tempo de serviço no setor educacional e prestes a requerer a aposentadoria, relatando que durante sua jornada como docente, nunca se imaginou como professor atuante na Educação de Jovens e Adultos.

No primeiro dia a observar, deslocamo-nos à escola campo com o objetivo de obter primeiramente informações administrativas. O número de alunos matriculados continua o mesmo se comparado com o do ano anterior, ressaltando a diminuição da quantidade de discentes, freqüentando cotidianamente a instituição, e uma quantidade considerável de transferência na modalidade de ensino fundamental.

Na educação de jovens e adultos, quando há diminuição de educandos, no geral, não ocorre por transferência, mas por desistência, foi o que afirmou as respectivas entrevistadas (diretora e secretárias da respectiva escola). Ainda ressaltou a diretora que

a turma na qual dar-se-ia nossa observação, por motivo de evasão estaria sujeita a ser extinta, caso no início do ano letivo de 2016 não houvesse novas matrículas. De início, procuramos não absorver essa desmotivação lançada, mas no decorrer do nosso percurso, as circunstâncias foram absorvendo-nos.

Nesse contato inicial refletimos sobre o papel da escola e diante de tais palavras sobre evasão, bem como, o discurso indiferente de educadores envolvidos nesse processo de ensino-aprendizagem. Aparentemente parece-nos que ocorre apenas um sentimento de preocupação em manter uma turma ativa (questão quantitativa), sendo irrelevante o educando e seus respectivos motivos de evasão.

No campo de observação, já no segundo dia, deparamo-nos com uma sala de aula vazia e o professor com expectativa de chegada dos seus cinco educandos, que segundo o mesmo ainda continuam frequentando às aulas. Apresentamo-nos esclarecendo que gostaríamos de sua autorização e se possível contribuição no que se refere à realização das observações em docência na Educação de Jovens e Adultos. O mesmo foi receptivo, concedendo-nos autorização. Não diferente da direção da escola, logo replicou uma frase referente à evasão escolar, o que nos inquietou ainda mais.

Enquanto aguardávamos a chegada dos discentes, estabelecemos um diálogo, durante o qual o docente revelou ter tempo suficiente para requerer a aposentadoria, mas afirma que ainda não o fez, para evitar déficit em seu salário mensal. Após uma hora de espera chegou o primeiro e único aluno a frequentar a aula naquela noite. O docente logo dirigiu-se a ele, chamando-lhe atenção, por já ter passado da hora inicial da aula. Ainda exclamou: *“Vou lhe passar uma atividade e logo vamos embora, não irei ficar aqui com você até tarde!”*

Pedi-lhe o caderno, passou um exercício de matemática (efetuação de adições) e ordenou-lhe que realizasse o mais rápido possível, ainda replicando: *“Esse só vem na hora do jantar.”* Após uns dez minutos, fixou seu olhar para o educando e solicitou-lhe que fosse merendar. Após a merenda, liberou o único aluno da noite e deu por encerrado à aula. Diante da postura desse respectivo docente, ficamos a nos perguntar se durante sua formação alcançou as dimensões da competência. O que será que o levou agir de forma tão insignificante diante do seu educando!

Temos em Azzi (1994), que “o trabalho docente é uma prática social (...)”, exigindo de nós enquanto educadores práticas sociais ricas de possibilidades, criativas e que levem em consideração a gama de bagagem apresentadas pelos seus respectivos educandos. Na observação feita à prática do Professor 6, visualizamos uma prática

docente mecânica, na qual o educando é um mero objeto passivo que realiza atividades, descontextualizadas que em nada somam ao seu processo de ensino-aprendizagem.

Retornamos naquela noite para casa na certeza que não foi uma aula de EJA que presenciamos, e sim, uma atitude de assistencialismo, inicialmente o docente repreende seu aluno ao chegar tarde à aula, sem ao menos perguntar-lhe o motivo que o fez atrasar-se; e após dez minutos de ter-lhe exigido que realizasse uma atividade, solicitou que o mesmo fosse merendar. Segundo o docente, o educando raramente vai à escola e nos dias que está presente é apenas com a “intenção” de alimentar-se e não de participar das aulas.

O que nos deixou ainda mais inquietas foi que em nenhum momento o professor perguntou ao aluno se havia conseguido realizar com êxito a atividade solicitada, ressaltando que do instante em que propôs a atividade até hora que pediu que fosse merendar, passaram-se apenas dez minutos! No terceiro dia de observação, ao chegarmos à sala de aula, encontrava-se o docente aguardando mais uma vez seus respectivos alunos, logo ele disse: *“Veja como é, são muitos os dias que fico aqui esperando e ninguém aparece!”*

Perguntamos-lhes em seguida: *“Você os aguarda sempre e até que horas?”* “Ele respondeu:” *Até umas oito e meia.* ”Assim sucedeu-se, os educandos lamentavelmente ausentaram-se nesse dia, possibilitando-nos estabelecer um diálogo informal sobre seus respectivos alunos e sua prática docente.

O professor relatou a dificuldade de lidar com um público heterogêneo, onde cada um possui suas particularidades e idades diversificadas. Destacando em suas palavras a *“lentidão”* que sua única aluna mulher apresentava em relação à escrita de textos e números. Devido a esse destaque, nos instigou a observá-la mais e a escolhê-la para uma maior aproximação. Essa palavra nos intrigou: *“lentidão”*. Foi preciso insistir: *“Como é essa lentidão?”*. Então, explicou o docente: *“Há três anos e meio acompanho essa aluna, ensino as letras e os números em um dia, na semana seguinte já não sabe mais esquece.” É muito lenta!*

Perguntamos-lhes se em algum momento desses três anos e meio, havia solicitado ajuda de outros profissionais. Porque não poderia ser considerado normal essa dificuldade tão insistente e que já durava um tempo bem considerável. Pensamos logo na dislexia que é um distúrbio genético e neurobiológico que independe da preguiça, falta de atenção ou má alfabetização. O que ocorre é uma desordem no caminho das informações, o que inibe o processo de entendimento das letras e, por sua vez, pode comprometer a escrita. É claro que os sintomas da dislexia variam de acordo com os diferentes graus do

transtorno,mas a pessoa tem dificuldade para decodificar as letras do alfabeto e tudo o que é relacionado à leitura.O disléxico não consegue associar o símbolo gráfico e as letras ao som que eles representam.

Tentamos explicá-lo que poderia ser esse ou outros inúmeros motivos, e não apenas a “lentidão” como estava afirmando, mas que para ter certeza e tentar ajudá-la, era preciso buscar auxílio de outros profissionais da escola, pois competia a todos essa ação, na tentativa de reverter o quadro da educanda. Ele balançou a cabeça como quem afirma entender a informação, embora tenha demonstrado indiferença para absorver e colocá-la em prática.

No contexto em que está inserida esta aluna que há três anos e meio não consegue assimilar corretamente letras e números, não visualizamos a criação de possibilidades que Freire (2013) nos sinaliza. Sabe-se que não é algo normal tanto tempo no mesmo nível educacional, no entanto, nada se faz na tentativa de criar possibilidades para a aluna seguir em frente e progredir. Há certa omissão ou acomodação diante da dificuldade apresentada e acreditamos que também é papel do docente intervir buscando alternativas para reverter esse quadro que é tão desmotivador para a discente.

Ressaltamos ainda, que a determinada aluna em seu trabalho cotidiano precisa preencher uma lista de compras e, segundo o docente, todo mês é ele quem o faz. Até questionei por que no lugar de preencher para a aluna determinada lista, o docente não criava situações que possibilitassem a educanda desenvolver a escrita, levando-a a própria, diante de sua necessidade real vivenciada mensalmente em seu trabalho, a aprender. O docente afirma que não insiste porque sua aluna é resistente e já se habituou a pedir para que o mesmo preencha.

Quanto aos demais alunos, descreveu que tem um educando cuja profissão é de pedreiro e outro que é servente e, praticamente, não estão mais freqüentando as aulas, sob a justificativa de cansaço físico, devido às profissões exercidas. O aluno que menos falta às aulas tem a profissão é de repositor de supermercado e que segundo o docente estudou quando criança, característica que lhe possibilita uma maior facilidade no processo de ensino-aprendizagem.

No início do ano foram matriculados no ciclo I, doze alunos dos quais apenas oito chegaram a freqüentar as aulas e, no decorrer do ano, esse número decresceu. A partir do segundo semestre, cinco alunos permaneceram freqüentando e, nos meses de outubro e novembro, nos quais realizamos as observações, apenas três ainda continuavam freqüentando a escola, mesmo que não diariamente.

A escola não pode nem deve ser indiferente à evasão, se assim o fizer estará sendo omissa no que se refere ao seu papel perante a educação e a todos que nela estão inseridos. Assumindo uma postura excludente que em nada contribuirá com a evolução do sistema educacional brasileiro bem como deixará de formar cidadãos críticos-reflexivos atuantes na sociedade e aptos a mudar suas vidas e da comunidade no qual estão inseridos.

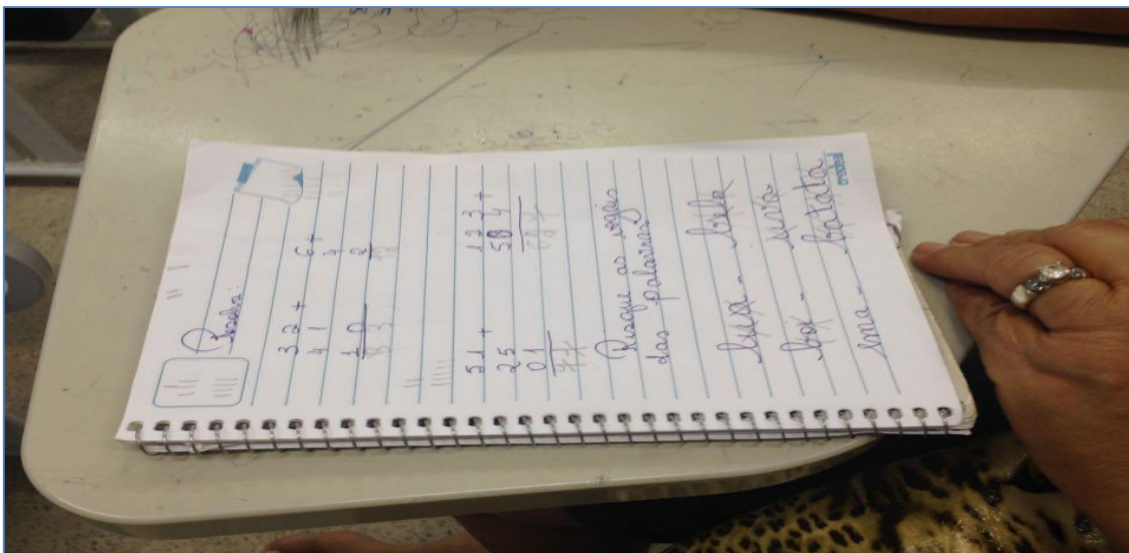
No quarto dia de observação, encontramos na sala dois alunos e o docente. Logo ficamos entusiasmadas na expectativa de absorvermos e apropriarmos ainda mais do contexto da turma do ciclo I da EJA.

Inicialmente o docente pediu o caderno dos dois educandos presentes na aula e passou uma atividade de matemática (efetuar adições) e uma de gramática (solicitando riscar às vogais existentes nas palavras) para que realizassem naquele momento, sem ao menos fazer uma exposição sobre algum assunto. Aparentemente não possuía plano de aula, permanecendo parado em sua mesa, aguardando os educandos concluírem as atividades.

Não parecia uma aula normal, ficamos muito inquietas, sem acreditar no que presenciávamos. Nesse momento, iniciamos um diálogo no qual o docente afirmou que a aluna ali presente seria aquela que está sob sua intervenção há três anos e meio e segundo suas palavras, apresentava uma “lentidão” no processo de ensino-aprendizagem. E foi esse discurso que nos levou a optar por uma relação mais próxima com a respectiva discente. Logo percebemos um desconforto dela durante as tentativas de efetuar contas simples de adição. Então, questionamos ao docente o que fazia diante de tal situação. Afirmou que sentava ao lado da discente e a ajudava a “pensar”, a fim de resolver as adições apenas “pensando”!

Ficando inquietas com a situação, solicitamos ao docente que permitisse nossa aproximação e intervenção junto à aluna, o que nos foi concedido e em alguns minutos tentamos motivá-la a prosseguir com a resolução da atividade, mostrando-lhe ser capaz de atingir os resultados exatos, efetuando as adições com o auxílio dos dedos (primeira “calculadora” dos não numeralizados) ou de figuras (////) ao lado das contas. Já que pelos procedimentos formais, a discente estava considerando impossível obter o resultado. Assim foi realizado pela aluna como ilustra a foto 1 abaixo, e em poucos minutos, a educanda reportou-se a nós, fixando seu olhar ao nosso e exclamou: *“Como foi fácil resolver essas contas, por meio desses tracinhos!”* (Aluna)

Foto 1: Atividade Descontextualizada



Fonte: Arquivo das autoras

Diante dessa intervenção vivenciada, ficamos ainda mais inquietas por estarmos frente a situações que são corriqueiras na respectiva sala de aula da EJA e que poderão refletir negativamente no processo de aprendizagem desses respectivos alunos.

Quanto ao outro educando presente em sala de aula, a atividade “mecanizada”, restringindo-se apenas a exercícios no caderno, descontextualizada, sem aula expositiva, propostas pelo docente ocorreu sem maiores transtornos, pois o mesmo, como o professor já havia dito no dia anterior, trabalhava como repositor em um supermercado, estando cotidianamente inserido em um contexto de letras e números, característico que em sua opinião, o favorecia no processo de aprendizagem.

Ao docente espera-se que preocupe-se em desenvolver uma aprendizagem significativa e de valores, como o respeito, a cooperação, a igualdade, autonomia, justiça e a solução de conflitos. E sobre a seriedade que nos remete Freire (2013) não conseguimos identificá-la na prática educativa do Professor 6.

A realidade observada reforça-nos o que já foi dito anteriormente pelo professor, que pelo fato das turmas da EJA serem bastante heterogêneas, torna-se fundamental para a prática educativa, elaborar planos didáticos que levem em consideração toda a gama de conhecimentos trazidos pelos seus educandos. Valorizar o conhecimento prévio dos educandos da Educação de Jovens e Adultos é fundamental para uma evolução significativa no processo de ensino-aprendizagem.

No quinto de observação, ao chegarmos não havia ninguém na sala de aula que estava fechada, embora a escola estivesse funcionando normalmente. Por alguns instantes acreditamos que o professor não fosse comparecer para ministrar sua “aula.” Decidimos

aguardá-lo e ficamos à sua espera, sentadas no pátio da escola. Passamos a observar toda aquela movimentação que ocorrera na escola na parte da noite. Funcionários pintando o pátio da escola, dentre outros objetos, o que fazia exalar um forte cheiro de tinta, estendendo-se até as salas de aula; outros ajeitando carteiras quebradas e funcionários falando alto para resolver problemas na cozinha. Uma movimentação que chegou a nos incomodar mesmo não fazendo parte cotidianamente da escola.

Acreditamos ser bastante positivo todo o esforço da comunidade escolar em busca de uma melhoria na parte física da escola. Mas o que nos deixa inquietas e refletindo é que até nesse aspecto os alunos da noite – da EJA, são menos favorecidos. Claro que todos os tipos de melhoria que favoreçam o ambiente escolar são sempre bem-vindas, porém deveriam ser realizadas nos finais de semana ou no período em que os alunos não tivessem aulas. É como se à noite tudo fosse permitido, aulas sem planejamento, profissionais prestes a aposentarem-se, professores sem disponibilidade a aquisição de novos saberes e descobertas, enfim, foi extremamente desmotivador observar a rotina escolar dos alunos inseridos nesse respectivo contexto escolar.

Nessa noite, o docente chega à escola, seguido de um único aluno. De fato, começamos a acreditar nas palavras iniciais e desmotivadoras da diretora juntamente com as do docente, a evasão é o maior problema enfrentado pela EJA, não sendo único e exclusivo. Inúmeros são os problemas que causam a evasão e acreditamos que seria em a partir desses “pontos negativos” que o poder público juntamente com toda comunidade escolar deveria agir, para que esse quadro fosse revertido a tempo de poder possibilitar novas oportunidades para todos os estudantes da EJA.

O poder público urgentemente precisa repensar políticas públicas que contemplem essa modalidade de ensino, começando por concurso público específico para profissionais que esbocem interesses em atuar especificamente com Educação de Jovens e Adultos. Sobre o propósito de evitar iniciativas no sistema educacional de ensino que direcionam docentes, prestes a aposentarem-se e até mesmo professores com perfis que não sejam de aposentadoria, mas despreparados ou que não possuam formação específica para atuarem nessa modalidade de ensino.

Baseando-se em observações realizadas em anos anteriores na mesma escola, durante estágios em outras modalidades de ensino, podemos observar que o ensino fundamental tem uma melhor preparação e incentivo da própria equipe pedagógica. O quadro de funcionários que estão à disposição dos docentes no turno da noite é quase inexistente, a merenda é menos elaborada, todos os reparos que a instituição necessita são

feitos no turno da noite, com barulhos inoportunos, cheiros fortes de tinta, pessoas entrando e saindo da escola. Enfim, não se tem a preocupação de proporcionar aos alunos da noite, um ambiente escolar tranquilo e motivador propício ao processo de ensino-aprendizagem.

Voltando para o contexto da sala de aula, ainda no quinto dia observando. O docente mais uma vez pediu para que o aluno trouxesse o caderno. Sua prática sempre caminha nesse percurso, passou um exercício solicitando-lhe que escrevesse um bilhete. E assim fez o educando, como ilustrado na figura 2 abaixo, sentou-se na sua carteira e no meio daquela sala vazia, absolutamente isolada ficou a raciocinar a fim de escrever o determinado bilhete, sem ao menos ter recebido uma instrução naquele exato momento para fazê-lo. O docente dirigiu-se a nós e afirmou: *“Ontem expliquei como elaborar um bilhete, agora ele precisa lembrar e fazer.”* Respondemos que ele era o professor efetivo e estávamos ali, apenas para “aprender!” Parecia-nos sempre preocupado em justificar suas ações. Aqui foi nossa frustração e a maior aflição de todas.

Figura 2: Retrato da Evasão



Fonte: Arquivo das autoras

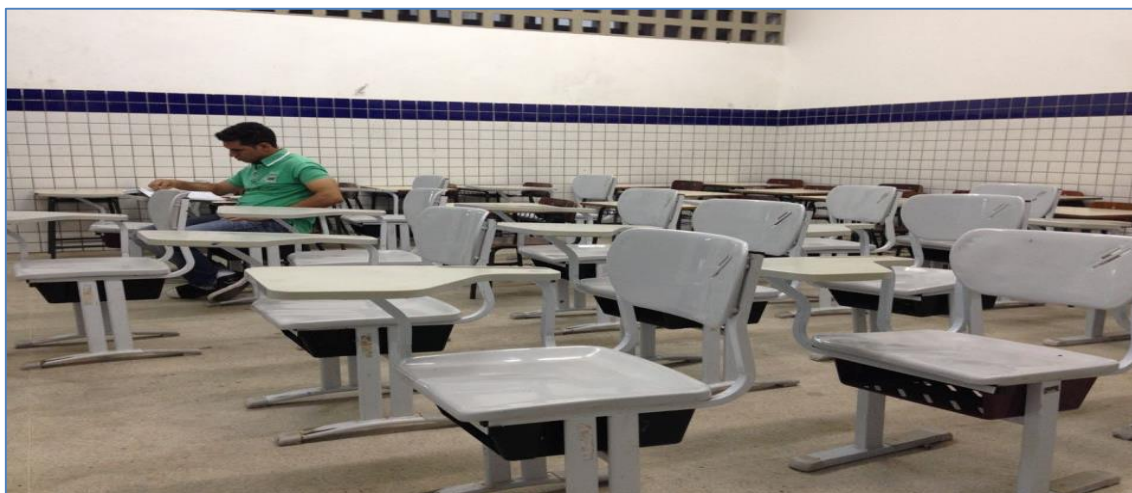
O professor 6 possui 32 anos de experiência docente, sendo 7 na EJA, mas toda essa “bagagem” que lhe é inerente não está sendo suficiente para tentar reverter esse quadro da evasão escolar, que é tão freqüente nessa modalidade de ensino. E nem tão pouco compete só a ele combater esse quadro. É preciso que haja uma iniciativa que englobe toda a esfera educacional brasileira.

As causas da evasão escolar são variadas. Condições socioeconômicas, culturais, geográficas ou mesmo questões referentes aos encaminhamentos didático-pedagógicos e a baixa qualidade do ensino das escolas podem ser apontadas como causas possíveis para

a evasão escolar no Brasil, principalmente na EJA, especificamente no ciclo I da escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Maria de Fátima Souto.

Outro ponto a destacar nessa observação é no que se refere ao ambiente da sala de aula. A sala não possui nenhuma informação visual educativa que auxilie os educandos nesse processo de aprendizagem, como podemos constatar na figura 3 abaixo. Segundo o docente, dos cinco alunos do ciclo I, quatro ainda estão no processo de alfabetização, com graus diferentes mais ainda estão, seria muito relevante que o docente explorasse o ambiente da sala de aula na perspectiva de contribuir com esse processo tão importante e significativo na vida dos alunos. O ambiente escolar também contribui positivamente ou negativamente, já que uma instituição que não oferece boa estrutura, conseqüentemente, não poderá assegurar aos alunos uma educação de qualidade.

Figura 3: Sala de aula



Fonte: Arquivo das autoras

Foram mais 4 dias de observação, mas lamentavelmente, sem a presença de discentes e aqui encaixa-se o que nos sinalizou Paulo Freire: “não há docência sem discência”; não há mais observações sem a presença fundamental do aluno e a evasão foi mais concreta do que imaginávamos.

Se algumas medidas emergenciais fossem tomadas com o intuito de abranger essa modalidade de ensino, no que diz respeito à formação específica para quem ensinar (sob pena de não poder assumir determinadas turmas, quem não possuísse formação específica na EJA, formalizadas em lei), na intencionalidade de reverter esse quadro de descaso com a prática docente na Educação de Jovens e Adultos, alcançaríamos bons avanços, abrangendo diversos educandos que já estão ou venham a frequentá-la. Precisamos mudar essa realidade retratada na figura 4:

Figura 4: Prática docente descontextualizada



Fonte: Arquivo das autoras

Diante das observações no ciclo I da EJA da Escola Maria de Fátima Souto, concluímos que no que refere-se ao âmbito pedagógico, exige-se um maior compromisso do pedagogo, não sendo um trabalho fácil. O planejamento para as aulas é complexo, pois é planejar para o desenvolvimento intelectual e social de um grupo heterogêneo que em algum momento de suas vidas já tiveram esse direito à educação negado.

### 5.2.2 Escola II

Observando a sala de aula do Professor 5 na Escola Municipal Antônio Viana, no Município de Cabedelo, identificamos que o método de ensino aplicado em sala é o 'tradicional', pelo fato dos discentes utilizarem apenas o caderno para copiar as atividades do quadro. Fomos recebidas pelo professor que nos apresentou aos educandos presentes e então, observamos a aula do início ao fim.

O professor mantém uma relação consideravelmente positiva com seus alunos, como podemos observar na figura 5 abaixo, sempre preocupado com o desempenho dos mesmos e buscando interagir naturalmente com todos. No decorrer da aula, vimos o diálogo de modo espontâneo através de alguns argumentos e questionamentos dos alunos ou por parte do professor:

Professora a senhora lembra-se do meu emprego? Vou ter que sair de lá estou muito cansada (Aluno).

Senhor Antônio, quanto tempo que o senhor não vem pra aula, o que houve?(Professor).

Figura 5: Aula tradicional



Fonte: Arquivo das autoras

Constantemente, o docente revela-se bastante motivado, embora ministrando sempre aulas tradicionais, é notável suas tentativas de motivar os educandos, utilizando-se frases de auto estima, conduzindo a aula de modo que os alunos sintam-se valorizados.

Quanto às atividades propostas pelo docente têm-se como atividades mais trabalhadas, as de Português e Matemática, e se houver naqueles dias, data comemorativa, como, por exemplo, o dia da Consciência Negra, também é explorado. As atividades aplicadas pelo docente, geralmente são escritas na lousa, para que os educandos as reproduzam no caderno, respondam, e em seguida, participem oralmente da correção.

O espaço pedagógico é um texto para ser constantemente “lido”, interpretado, “escrito” e “reescrito”. Neste sentido, quanto mais solidariedade exista entre o educador e educandos no “trato” deste espaço, tanto mais responsabilidades de aprendizagem democrática abrem-se na escola (FREIRE, 1996, p.109).

Quando Freire diz que o espaço pedagógico é um texto, está referindo-se à troca de conhecimentos que deve existir entre docente e o discente, favorecendo não só ao aluno em si, como o docente também, que constantemente estão no processo de construção de saberes. Assim sendo, a interação entre ambos é necessária, seguindo na direção do entendimento, conciliando os conteúdos contextualizados propostos em sala de aula, efetuando um respeito mútuo.

Tanto o professor quanto os alunos estão no ambiente escolar para trocarem conhecimento, cada um possui experiências divergentes, o que possibilita debates acerca dos temas abordados em sala. Assim sendo, para que essa relação professor-aluno efetue-se de forma positiva, ambos precisam conscientizassem que o erro faz parte do cotidiano e que ele é fundamental para que se tenha êxito no processo de ensino-aprendizagem. Nesse sentido, Freire nos apontou que o texto precisa ser lido, interpretado, escrito e

reescrito, como também ocorre na aprendizagem, onde é possível aprender com o erro e a partir dele recomeçar.

Em uma das aulas, o docente iniciou sua prática, cumprimentando cada educando, respeitando a seqüência dos locais onde estavam sentados, iniciando a aula, escrevendo frases na lousa, objetivando que os educandos identificassem adjetivos. No decorrer dessa atividade, iniciou uma leitura individual com os alunos, dirigindo-se a cada um individualmente, percebemos que essa atitude deixava os alunos mais confortáveis em realizar a leitura e, conseqüentemente, mais confiantes.

Ao término da leitura, retornou para a lousa, efetuando as correções, instigando constantemente os alunos a participarem da correção, objetivando a interação do aluno, questionando o porquê das respostas e qual o caminho levou a respectiva conclusão, de modo que os alunos refletissem sobre o que estava sendo proposto em sala.

Num dado momento da aula, um educando revelou-se com dificuldade na realização da atividade, o mesmo não conseguia identificar os adjetivos, levando a professora a aproximar-se do educando, para identificar qual seria sua dificuldade, mediando essa atividade com questionamentos, conduz o educando a essa identificação do adjetivo, que o mesmo estava confundindo com substantivo.

Em seguida, os educandos dirigiram-se para merenda. Permanecemos em sala com o docente e uma aluna, em um diálogo informal, no qual o assunto fora a educação dos filhos da respectiva educanda, que afirma estar constantemente presente na educação dos filhos e que se orgulhava deles. No retorno dos educandos, o docente deu continuidade a atividade, escrevendo algumas frases, com o objetivo de os educandos completarem com adjetivos, escritos na lousa, solicitando que respondessem em dupla, estipulando 15 minutos para realização. Ao término, o docente fez o acompanhamento na lousa e os educandos, comunicavam que adjetivo adequava-se melhor as frases escritas na lousa.

“Assim, ainda que a designação “Educação de Jovens e Adultos” nos remeta a uma caracterização da modalidade pela idade dos alunos a que atende, o grande traço definidor da EJA é a caracterização sociocultural de seu público, no seio da qual deve-se entender esse corte etário que se apresenta na expressão que a nomeia “(Fonseca, 2002, p. 15).

Fonseca nos sinaliza que a EJA precisa ter como ponto de partida a compreensão da posição sociocultural em que os alunos dessa modalidade de ensino estão inseridos, e partindo desse entendimento proporcionar aos educando uma metodologia

que tenha fundamento e principalmente adéque-se ao contexto desses alunos. Diante da observação do perfil do professor 5, é possível identificar que sua metodologia precisa ser reavaliada, já que a articulação do diálogo juntamente com a metodologia tradicional ainda revelam uma prática pedagógica mecânica e sem fundamento para os educandos.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a conclusão dessa respectiva pesquisa, não nos resta dúvidas que as motivações e os desafios dos docentes na Educação de Jovens e Adultos precisam ser objetos de análise maior, envolvendo maior número de docentes e de instituições educacionais dos municípios de João Pessoa e Cabedelo.

No entanto, com o estudo realizado nas cinco escolas do município de João Pessoa e duas do município de Cabedelo, através dos questionários respondidos, tivemos duas turmas analisadas através de observações, sendo uma do município de João Pessoa e outra do município de Cabedelo, através de observações realizadas durante o estágio supervisionado em EJA. Este processo nos possibilitou obter uma pequena amostra de que a Educação de Jovens e Adultos é mais um agravante dos inúmeros problemas da Educação Básica no país.

Após conhecer um pouco dos motivos e desafios enfrentados pelos docentes que atuam na EJA, visualizamos que são diversos fatores que os motiva ou não, como também são inúmeros os desafios que comumente acomete serem constantemente presentes no cotidiano de suas práticas educativas.

Motivos que vão desde assuntos puramente pessoais como: *“Melhor horário para minha rotina.”*, *“Nunca pensei em atuar na Educação de Jovens e Adultos.”* Consideravelmente desestimulantes para todos que como nós, que estamos iniciando uma caminhada profissional como pedagogos. Até motivos considerados politicamente corretos e éticos, profissionalmente falando, como: *“Me encontrei como educadora e quero aprender cada vez mais.”*

Essa última fala conduz-nos a uma motivação, enquanto cientistas da educação, sinalizando-nos para a compreensão definitiva do que já foi citado ao longo desse estudo, que a construção dos saberes pedagógicos se dá no decorrer das nossas experiências enquanto docentes e quando somados aos saberes científicos e a didática, serão envolvidos por dimensões da competência, indispensáveis à nossa atuação, nos conduzindo a uma prática educativa significativa.

Os desafios que transparecem na respectiva pesquisa se estendem desde evasão escolar até a falta de investimentos do governo, através de recursos direcionados para os educandos da Educação de Jovens e Adultos. Deixando-nos inquietas em relação às respostas dos docentes, entre suas respectivas motivações e desafios, quando estes que encontravam-se totalmente desmotivados ou indiferentes com suas atuações, ali encontravam-se mesmo sem possuir formação específica na EJA, às vezes na intenção de

esperar a aposentadoria ou por ter chegado nessa modalidade, apenas por ter sido convidado. É que mesmo diante desse quadro, todos são unânimes quanto aos desafios apresentados. Apontam sempre desafios relacionados ao campo governamental, de estrutura, políticas públicas etc..

Concluimos que o poder público precisa urgentemente repensar políticas públicas que contemplem essa modalidade de ensino, começando por concurso público específico para profissionais que esbocem interesses em atuar nesse segmento, com o propósito de evitar iniciativas no sistema educacional de ensino que direcionam docentes, prestes a aposentarem-se ou até mesmo docentes com perfis que não sejam de aposentadoria, despreparados e que não possuem formação específica.

Se algumas medidas emergenciais fossem tomadas com o intuito de abranger a modalidade, no que diz respeito à formação específica para quem fosse direcionado às suas turmas, na intencionalidade de reverter esse quadro de descaso com a prática docente, alcançaríamos bons avanços.

O estudo exploratório realizado nas escolas de João Pessoa e Cabedelo revelou claramente que enquanto não tivermos no Brasil, políticas públicas que valorizem integralmente a EJA, proporcionando motivações mais positivas que negativas e desafios mais estimuladores pedagogicamente falando, correremos o risco de depararmos cotidianamente com perfis de docentes, semelhantes aos relatados nesse estudo. Precisamos de medidas públicas que viabilizem melhores condições no exercício da docência.

Essa realidade acaba contribuindo e interferindo negativamente nesse quadro motivacional e de desafios apontados pelos educadores, levando docentes da modalidade de ensino EJA a expressarem sinais de mal-estar docente, angústia, desânimo, ou até mesmo, vontade de desistir da profissão.

**BIBLIOGRAFIA**

AZZI, Sandra. Trabalho docente: autonomia didática e construção do saber pedagógico. In: PIMENTA, Selma Garrido, **Saberes Pedagógicos e Atividade Docente**. 8ª Ed. São Paulo: Cortez, 2012.

BARCELOS, Valdo Barcelos. **Formação de Professores Para De Jovens e Adultos**. 3º Ed- Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília : MEC, 1996.

CURY, Carlos Roberto Jamil. **Parecer 11/2000**. Brasília: MEC. 2000.

FONSECA, Maria da Conceição Ferreira Reis. **Educação de Jovens e Adultos**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Ação Cultural Para a Liberdade e Outros Escritos**. 11ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo, Donaldo Macedo; tradução Lólio Lourenço de Oliveira. **Alfabetização: Leitura do Mundo, Leitura da Palavra**. 6º Ed. Rio de Janeiro: Paz E Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. **Professora, Sim; Tia, Não: Cartas a Quem Ousa Ensinar**. 1º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GADOTTI, Moacir. **Escola Cidadã**. 3ª Ed., São Paulo: Cortez, 1995.

GADOTTI, Moacir/Romão, José. **Educação de Jovens e Adultos: teoria, prática e proposta**. 12º. Ed, São Paulo: Cortez, 2011.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus Professor, Adeus Professora?** Novas exigências educacionais e profissão docente. São Paulo: Cortez, 1998.

OLIVEIRA, Maria Marly De. **Como Fazer Pesquisa Qualitativa**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

PIMENTA, Selma Garrido, **Saberes Pedagógicos e Atividade Docente**. 8ª Ed. São Paulo: Cortez, 2012.

RIOS, Terezinha Azerêdo. **Ética e Competência**. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 1995.

RUMMERT, Sonia Maria. **Educação de Adultos, Trabalho e Processos de Globalização**. Contexto e Educação, Ijuí/RS, 2002.

RYBCZYNSKI, Estanislau. **Mobral o ensino da ditadura**, 2014. Disponível em: <http://www.saopaulominhacidade.com.br/historia/ver/9064/Mobral%252C%2Bo%2Bensino%2Bda%2Bditadura>, Acesso em 26 de outubro de 2015 às 17h24min.

SALDANHA, Leila. **Histórico da EJA no Brasil**. São Luís - MA, 2009. Disponível em: <https://www.webartigos.com/artigos/aspectos-legais-da-educacao-de-jovens-e-ad>, Acesso 25 de outubro de 2015, às 17h50min.

SCHAWARTZ, Suzana. **Alfabetização de jovens e adultos: Teoria e Prática**. 2ª. Ed, Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

## **APÊNDICES**

## APÊNDICE 1



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA

Dados de identificação para elaboração de um perfil:

1. Idade: \_\_\_\_\_

2. Formação: Magistério  Pedagogia  Especialização  Outros

---

---

---

3. Tempo de experiência enquanto professor:

---

---

---

4. Tempo de experiência na EJA:

---

---

---

5. Fatores que lhe motivaram a atuar na EJA:

---

---

---

---

6. Ao longo de sua experiência na EJA escreva sobre o maior desafio que você identifica na Educação de Jovens e Adultos:

---

---

---

**ANEXOS**

TABELA DE DADOS

PROFESSOR	IDADE	FORMAÇÃO	TEMPO DE SERVIÇO	TEMPO QUE ATUA NA EJA	MOTIVAÇÃO	MAIOR DESAFIO
Professor 1	21 anos	Licenciatura em Matemática	3 anos	1 ano	Melhor horário para minha rotina	Fazer com que os alunos interessem-se por matemática é sempre um desafio, é a matéria que a maioria dos alunos tem dificuldades.
Professor 2	39 anos	Magistério, Pedagogia (cursando)	2 anos	1 ano	A força de vontade dos alunos que nos faz estar em sala de aula, pois a remuneração não é satisfatória	A falta de recursos nos impossibilita de realizar atividades pedagógicas como desejamos. Além disso, a falta de assistência da Secretaria de Educação do município do qual atuo.
Professor 3	41 anos	Magistério	2 anos	1 ano	A força de vontade dos alunos	A falta de incentivo do governo como ausência de recurso para os alunos.
Professor 4	45 anos	Magistério, Pedagogia e Especialização em gestão e organização da escola.	28 anos	2 anos	Não existiram fatores, e sim um convite que eu resolvi aceitar	A evasão escolar
Professor 5	49 anos	Pedagogia, Especialização em Psicopedagogia	31 anos	4 anos	Uma necessidade pessoal. Onde encontrei meu caminho como educadora. Pois na EJA, trabalhamos não só conteúdos, mas a auto-estima dos alunos.	Fazer com que os jovens fiquem em sala, muitos não querem responsabilidades, já os adultos querem recuperar o tempo.

Professor 6	52 anos	Magistério, Pedagogia	32 anos	7 anos	Nunca pensei em trabalhar na EJA	Meu maior desafio é na aprendizagem da leitura e da escrita, sendo bem maior a da leitura.
Professor 7	55 anos	Pedagogia e Bacharelado em Administração de Empresas.	1 ano e 4 meses	9 meses	Sou capacitado em Educação Infantil: 0 á 6 anos e tenho o desejo de conhecer o universo da alfabetização de adultos, conhecendo suas vivências.	Trabalhar com adultos com déficit de aprendizagem e necessidade especial (dentro do seu universo). Apesar de pouco tempo de experiência é gratificante, um desafio.
Professor 8	60 anos	Magistério, Pedagogia e Especialização	34 anos	18 anos	A educação e atenção para querer aprender, o esforço e sacrifício, tudo motiva-me para dar o melhor aos educandos.	Foi enfrentar alunos que não sabiam pegar no lápis, venci com muita força de vontade. Ensino o 1º ciclo.